

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Vitor Augusto Dias Ericeira

Príncipes Entediados, Escolhas de Vida e Pirâmides: uma abordagem “Johnsoniana” à  
Felicidade na era de Jefferson.

BRASÍLIA

2022

Vitor Augusto Dias Ericeira

Príncipes Entediados, Escolhas de Vida e Pirâmides: uma abordagem “Johnsoniana” à Felicidade na era de Jefferson.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentando ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz César de Sá Júnior

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Luiz César de Sá Junior (Presidente)

---

Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo (UnB)

---

Prof. Dr. Daniel Gomes de Carvalho (UnB)

**(Data da Defesa: 20/09/2022, às 14 h)**

BRASÍLIA

2022

## Agradecimentos

Agradeço ao Senhor Jesus Cristo que me mantém com sua graça todos os dias, que ilumina e bane de mim as trevas do pecado, que me ensinou a começar esse trabalho, regeu-me no continuar e no perseverar até o término. A Ele, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que vive e reina pelos séculos dos séculos, toda glória agora e sempre. Amem!

Agradeço ao meu pai e mãe, Francisco e Vicenir, sem o carinho e apoio dos quais jamais teria chegado ao fim dessa graduação, e também a minha tia Vilma, com quem partilhei as primeiras excursões às letras.

Agradeço, por fim, ao Doutor Luiz César que prontamente me atendeu quando o procurei para orientação, sem nem mesmo ter ainda um tema definido, apenas ideias soltas; e por ter me dirigido para melhor compreender uma era bem diferente da nossa. Com certeza enxergo a história, mesmo que um pouquinho, de modo novo depois deste trabalho.

Mantenho os agradecimentos específicos enxutos, mas certamente meu coração sente-se grato e reconhece a dependência de muitos outros anônimos sem os quais a jornada seria mil vezes mais difícil.

*Every valley shall be exalted, and every mountain and hill shall be made low: and the crooked shall be made straight, and the rough places plain...*

-Isaiah 40.4

## Resumo

No livro *The Prince of Abissinia: A Tale*, publicado em 1759, o grande poeta e crítico literário inglês, Samuel Johnson (1709-1784), discute o tópico da Felicidade por meio da história ficcional de Rasselas, quarto filho do Imperador. Na jornada do protagonista em busca de um modo de vida que possa fazê-lo feliz, Jonhson vale-se do lugar-comum de uma *Choice of Life* para subverter um conjunto de expectativas relacionado não só a uma arquitetura ficcional padrão, mas também aos horizontes de autorrealização seculares fomentadores dela nos setecentos europeu; ele executa isso por recorrer a uma visão bíblica do ser humano, de sua queda, as concomitantes limitações, frustrações e tédio, especialmente conforme delineadas no livro veterotestamentário do *Ecclesiastes*; e assim reafirma a esperança cristã, outra forma comum de abordar a questão da felicidade.

Palavras-chave: Felicidade; Século XVIII; Samuel Johnson; Rasselas; *Choice of Life*; *Ecclesiastes*; Tédio

## Abstract

In the book *The Prince of Abissinia: A Tale*, published in 1759, the great english poet and literary critic, Samuel Johnson (1709-1784), discusses the topic of happiness through the fictitious history of Rasselas, fourth son of the emperor. In the protagonist's journey searching for a way of life that would make him happy, Johnson uses the common place of a *Choice of Life* to shake a cluster of expectations related not only to a standard fictional architecture, but also to the horizons of secular self-realization that fomented it during eighteenth century Europe; he does that by recurring to a biblical vision of humanity with its fall, concomitant limitations, unsatisfactory pursuits and boredom ,especially as painted in the Old Testament book of *Ecclesiastes*; and them reaffirming another commonality in the approach of the happiness question: Christian hope.

Keywords: Happiness; Eighteenth Century; Samuel Johnson; *Rasselas*; Choice of Life; *Ecclesiastes*; Boredom

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....                                      | 7  |
| 1 <i>CHOICE OF LIFE</i> .....                         | 13 |
| 1.1 Inconsistências .....                             | 20 |
| 1.2 A fonte ou a foz do Nilo.....                     | 29 |
| 2 AS FLORES DA PRIMAVERA OU OS FRUTOS DO OUTONO ..... | 37 |
| 2.1 <i>Taedium vitae</i> .....                        | 42 |
| 2.2 <i>Choice of Eternity</i> .....                   | 51 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                             | 61 |
| REFERÊNCIAS.....                                      | 63 |

## INTRODUÇÃO

Samuel Johnson nasceu em Lichfield, Inglaterra, aos 18 de setembro de 1709. Tradutor, poeta, ensaísta e editor são apenas algumas das ocupações que caracterizaram sua prolífica – apesar de reclamar constantemente de preguiça e procrastinação – vida. Johnson é uma figura que ainda projeta larga sombra sobre a literatura inglesa (mesmo que menor que a de um Milton); entre os trabalhos mais conhecidos e celebrados dele estão o poema *The Vanity of Human Wishes* (1749), o *Dictionary of the English Language* (1755), as redações para os periódicos *The Rambler* (1750-52), *The Adventurer* (1753-54), *The Idler* (1758-60), a edição crítica anotada das obras de *Shakespeare* (1762), a coletânea *Lives of the Poets* (1779), e, em menor grau, o apólogo aqui em destaque, *Rasselas* (1759). O doutor também usou sua pena para compor sermões, biografias e panfletos políticos, dos quais talvez o mais famoso seja *Taxation No Tyranny* (1775), em oposição ao Congresso Continental Americano. Johnson morreu em Londres, aos 13 de dezembro de 1784.

O tema da vaidade é uma constante nos escritos “johnsonianos”, desde os primeiros até os últimos, o testemunho que temos deles é mais de refinamento temático que de variedade. Sem dúvida, elementos biográficos têm intensa influência no fato, como apontaram diversos contemporâneos de *Rasselas*, por exemplo; homem comprometido com a fé cristã, apesar de, segundo ele mesmo, claudicante, Johnson além disso teve uma vida marcada por enfermidades, nenhuma das quais tão pervasiva quanto a melancolia que ocasionalmente o paralisava.

As muitas biografias precoces sobre o poeta, de cujo conjunto a mais conhecida é a do amigo e admirador James Boswell, *The Life of Samuel Johnson, LL.D. (1791)*, encarnam a atração gravitacional que ele exercia sobre seu círculo. Apesar da fama adquirida na parte final da vida, lutou com problemas financeiros sérios pelo menos até 1762, quando foi reconhecido pelo governo com uma pensão.

É ainda no contexto de dificuldades financeiras que ocorre a composição de *Rasselas* – o que concorreu para acentuar sua fama de escritor veloz – no decorrer de uma semana, em fins de janeiro de 1759. Se a ideia já fervilhava na cabeça dele há algum tempo, a redação teria sido acelerada pelo marcante evento da morte de sua mãe idosa, cujas despesas e funeral ficaram a cargo do filho. Boswell escreve: “Devo mencionar

que o falecido Sr. Strahan, tipógrafo, disse-me que Johnson redigiu [*Rasselas*] de modo que tivesse condições de bancar as despesas do funeral da mãe, e algumas dívidas deixadas por ela. Ele teria dito ao Senhor Joshua Reynolds que compôs o livro nas tardes de uma semana, enviando para imprensa em porções conforme escrevia, e que nunca mais o lera de novo” (*Life*, 1.341).<sup>1</sup>

Coincidentemente, no mesmo ano e mês, mais cedo, foi publicado o *Candide*, de Voltaire, narrativa marcadamente semelhante à *Rasselas* na superfície, tanto no tema, quanto na trama, ainda que uma análise mais detida revele diferenças profundas. Desde cedo a comparação era inevitável, e o próprio Johnson teria dito, “não fosse a publicação quase simultânea das obras, de modo que não houve tempo para imitação, seria vã a tentativa de negar que o esquema do último não tenha sido retirado do primeiro” (*Life*, 1.342; 3.356).

*The Prince of Abissinia, a Tale*<sup>2</sup> foi registrado no dia 19 de abril, e conforme as propagandas dos jornais, no dia seguinte, em 20 de abril, apareceu, em dois volumes, custando cinco xelins. Uma segunda edição veio dois meses depois, em 26 de junho.<sup>3</sup>

Antes de prosseguir para uma breve análise do gênero da obra, da recepção e alguns dados comparativos, cabe situar o leitor com um esboço da trama. No decorrer de quarenta e nove capítulos, acompanhamos a história de Rasselas, o quarto filho do imperador da Abíssinia (Etiópia), cujo descontentamento e infelicidade num vale edênico, ironicamente denominado Vale Feliz, que é ao mesmo tempo uma prisão para a descendência real, o incita fugir em busca de alguma forma de vida humana que entregue felicidade duradoura; na jornada é acompanhado pelo poeta Imlac, pela irmã Nekayah e uma dama de companhia desta, Pekuah. Aliás, vale a pena o apontamento de que, na era de Johnson, o tema da Felicidade havia se tornado uma “obsessão”, conforme descreve Norton (2012), e a prosa ficcional, especialmente o romance, despontava como meio principal de explorá-lo. Temos no século XVIII, por exemplo, Jefferson, cuja pena

---

<sup>1</sup> A edição que utilizo da biografia de Boswell é HILL. G.B (ed). *Life of Johnson*, revised and enlarged by L. F. Powell, 6 vols.1934-64.

<sup>2</sup> Uso o nome *Rasselas*, pelo qual o livro passou a ser popularmente conhecido, como sinônimo abreviado deste título. Além de ser facilmente constatado pelo contexto durante este trabalho, utilizei o itálico para referir-me ao livro, e a digitação padrão para o personagem homônimo.

<sup>3</sup> Ver a esclarecedora Introdução de Gwin Kolb ao Volume 16 (*Rasselas and Other Tales*) das obras de Samuel Johnson em: [http://www.yalejohnson.com/frontend/sda\\_viewer?n=106857](http://www.yalejohnson.com/frontend/sda_viewer?n=106857). Acesso em: 16 de Ago. 2022. A partir daqui farei referência constante a esta útil Edição Digital de Yale das obras do autor em 23 volumes, indicando entre parênteses o nome do texto específico, o volume, e o número das páginas.



famosamente proclama na Declaração de Independência verdade auto-evidente e direito inalienável: a vida, a liberdade e a busca da felicidade [*pursuit of happiness*].

Apesar da descrição simples em linhas gerais, o conteúdo da obra de Johnson torna árdua a tarefa de classificá-lo do ponto de vista do gênero, tendo sido enquadrado não só por contemporâneos, mas posteriormente como “*novel*”, “*romance*”, “*eastern story*”, “*satire*” etc. Por um lado, a característica de “*novel*” ou “*tale*” advém da narrativa das ações e pensamentos de um grupo de indivíduos, os quais se movem num plano geográfico específico, no decorrer de um começo, meio e fim; por outro lado, como o “*romance*”<sup>4</sup>, a trama se desenrola sem apelo ao maravilhoso; a nacionalidade dos personagens, a localização da trama, bem como os incidentes narrados tornam plausível a ideia de “*eastern story*”, gênero particularmente pujante no século XVIII, ainda que a história do príncipe da Abissínia esteja distante do tipo representado pelas *Mil e Uma Noites*. O uso de humor e ironia com os personagens e acontecimentos reivindica o nome de “*satire*”; finalmente, o propósito claramente propedêutico, o modo dialógico, a expressão de ideias filosóficas e religiosas, bem como os aforismos sobre a vida humana, justificam o enquadramento em “*moral*”, “*philosophic*”, e ainda “*apologue*”. Segundo Kolb (p. xxxv), reconhecendo os limites, a classificação que melhor faria jus aos propósitos primários e ao conteúdo da história consiste numa justaposição de adjetivos: “*Oriental moral tale*”, ou, ainda, “*oriental philosophic tale*” e “*oriental apologue*”, mesmo que isto seja de menor importância perto da questão de como o receberam os contemporâneos.

Dentro do *corpus* “johnsonian”, o tipo, a temática e os recursos literários já haviam sido manipulados no *Idler* 101 (*Yale* 2), com a história de Omar, e mais cedo, nos *Ramblers* 204, 205 (*Yale* 5), com a história de Seged, senhor da Etiópia, que tentou ser inteiramente feliz durante oito dias; fora do *corpus*, em maior ou menor semelhança, se considerarmos o século XVIII inglês apenas, alguns exemplos são *Almorán e Hamnet* (1761) de Hawkesworth, posteriormente, e a visão de Mirzah, de Joseph Addison, no *Spectator* 159 (1711), anteriormente.

---

<sup>4</sup> No *The Rambler* no. 4, de 1750 (*Yale* 3, p.19), Johnson define, em contraste ao romance heroico, “the comedy of romance”, um tipo que se desenvolve por meios fáceis, sem apelo ao maravilhoso, cuja atração são os eventos do dia a dia, e as paixões humanas. Este tipo, diz ele, é o que “a presente geração mais aprecia”. A categoria usada aqui quase se confunde com a do que entenderíamos propriamente como “*novel*”.

Já em janeiro de 1760, *Rasselas* fora resenhado em pelo menos quatorze seriais diferentes, como *Gentleman's Magazine*, *London Magazine*, *Annual Register* e *Monthly Review*. Ofereço aqui trechos representativos de uma avaliação positiva, como a maioria, muito provavelmente feita por Edmund Burke (que Jonhson conheceu em 1758), e uma negativa, de Owen Ruffhead, e por fim uma tentativa de resumir a recepção (contida sobretudo em apreciações críticas) nos primeiros quarenta anos de vida do livro. Burke:

Neste romance, a moral é o principal assunto, e a história um mero veículo para instrução. De fato, o conto não é nem de perto cheio de incidentes, nem divertido, como o ingenioso autor, caso não tivesse propósitos mais elevados, poderia tê-lo feito; nem a distinção de personagens é o foco; mas com esses defeitos, nenhum outro livro jamais inculcou mais pura e sã moralidade; nenhum livro jamais avaliou tão justamente a vida humana, suas buscas e desfrutes...o estilo, peculiar ao autor, é vigoroso, correto e harmônico. Tem, no entanto, em alguns lugares, um ar muito exato e estudado [...] Não há dúvida que o autor é o mesmo que antes já fez muito pelo aperfeiçoamento do nossos gostos e moral, tendo empregado a maior parte de sua vida num impressionante trabalho [o *Dictionary*] de estabilizar a linguagem desta nação; enquanto que esta nação, que admira suas obras, e lucra com elas, nada fez pelo autor.

Na opinião de Ruffhead, escrevendo ao *Monthly Review*, a balança de pontos positivos e negativos pesa muito para este último lado:

Falta aquela leveza graciosa que é o ornamento do romance; ele pisa com botas solenes, quando deveria usar meias. O estilo é tão tímido e pomposo, que às vezes culmina em palavras longas, tais quais 'excogitation', 'exaggeratory', &c... tivesse o autor posto esta linguagem inchada na boca de um pedante apenas, nada seria mais adequado; mas infelizmente há tão pouca noção da propriedade dos personagens, que ele faz a princesa falar do mesmo modo elevado que o filósofo; e a arenga da dama de companhia ser tão sublime quanto a da princesa...Os tópicos já se tornaram cansativos...os sentimentos podem ser achados em *Persian* e *Turkish tales*, e outros livros do tipo; nos quais são entregues para melhor fim, e mais bem ornamentados. O propósito dessa obra também não tem a tendência de fazer bem para a sociedade; podemos facilmente saber que o descontentamento prevalece entre homens de todas as condições, sem ter de fazer uma viagem para a Etiópia [...] iremos apenas adicionar que o título [enganará o leitor], os quais enquanto esperam andar pelos caminhos floridos do romance, achar-se-ão içados em pernas-de-pau metafísicas, e lançados à regiões de sutileza silogísticas, e refinamento filosófico.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> A resenha de Burke pode ser lida na íntegra em *The Annual Register* (1760), p. 477-479. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aZIGAAAACAAJ&hl=ptBR&pg=PA477#v=onepage&q=Rasselas&f=false>. Acesso em: 20 de Ago. 2022; A crítica de Ruffhead em *The Monthly review*. v.20 (1759), p. 428-437. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.hxjfg&view=1up&seq=518&skin=2021>. Acesso em : 20 de Ago. 2022. Para outros registros da recepção checar a *Introdução* de Kolb, p. xlv-lxvii.

A variedade de formas possíveis de definir o gênero de *Rasselas* impactava nas apreciações, sobretudo quando da comparação “com outros livros do tipo”. Em resumo, Kolb aponta o seguinte:

Rasselas prosperou firmemente mesmo na companhia de seu par brilhante, *Candide*. É claro que uma sucessão de comentaristas apontou o que para eles representavam sérios defeitos: uma descrição pouco acurada, excessivamente sombria da existência humana (parcialmente atribuída ao temperamento melancólico de Johnson); um efeito moral pernicioso sobre os leitores (especialmente os mais jovens e impressionáveis); uma trama magra, achatada, pouco excitante; personagens indiferenciados; e um estilo rígido, pautado por palavras duras. Um número maior de críticos, entretanto, ou louvavam todas as características que mencionavam, ou sugeriam que as fraquezas estavam subordinadas ao que percebiam como as forças primárias – instruções morais puras eficazes e variadas; as marcantes, verossímeis, e elegantes cenas da vida; a riqueza de reflexões sábias e investigações acerca de assuntos humanos; o excelente uso da forma do conto oriental; um estilo eloquente, harmônico, que ascendia, em uníssono com outros elementos, à sublimidade” (*Yale* 16, p. lxvii).

Durante o primeiro ano de existência, as edições dos proprietários de *Rasselas* alcançaram um total de 3.500 cópias em três tiragens. Em 1760, a obra foi traduzida para o francês e holandês, as primeiras línguas estrangeiras a recebê-la, iniciando a difusão pela Europa; uma versão surgiria nas colônias britânicas apenas em 1768, na Filadélfia. Entre 1759 e 1800, *Rasselas* passou por cinquenta edições (excluindo aquelas que reuniam várias obras de Johnson) entre as de proprietário e de não proprietário, vinte e oito delas no Reino Unido e Irlanda apenas. À guisa de comparação, estima-se que *Candide* (incluindo traduções e coleções) tenha chegado no mesmo período a um total entre oitenta e noventa edições; em relação a outras obras de ficção inglesa, tem-se os seguintes números : vinte e oito para *Peregrine Pickle* (1751), de Smollet; vinte para *Sir Charles Grandison* (1754), de Richardson; seis para *Almorán and Hamet* (1761), de Hawkesworth; setenta e uma para *Vicar of Wakefield* (1766), de Goldsmith; e setenta para *Sentimental Journey* (1768), de Sterne. “Tais números”, afirma Kolb, “permitem a inferência de que, conquanto não ocupe o topo entre as ficções *best-selling* da época, *Rasselas* pertence, sem dúvida, ao grupo daqueles livros que mantiveram amplo e constante contingente de leitores” (p. lxvi).

Feito esse curto apanhamento, podemos finalmente passar para o foco deste trabalho, que consiste em analisar como, em *Rasselas*, Johnson recorre ao lugar-comum de uma *Choice of Life*, e, associado a este, a um molde ficcional padrão, para que,

valendo-se de príncipes entediados, escolhas concretas e pirâmides, subverta as expectativas relacionadas à busca de felicidade secular, no processo enfatizando outro lugar-comum composto por um conjunto de esperanças antigas.

## 1 CHOICE OF LIFE

No primeiro capítulo de *Rasselas, Descrição de um palácio num vale*, podemos espiar o claustro dos filhos e filhas do Imperador da Abissínia, lugar denominado Vale Feliz (*Happy Valley*), onde aguardavam a vez na sucessão do trono. Ali, “se reunia toda a diversidade do mundo, ali se juntavam as bênçãos da natureza, e dali tinham sido expulsos e excluídos todos os seus males; “Qualquer desejo era imediatamente atendido” (15-16)<sup>6</sup>; o restante dos habitantes do local, entre os quais, vários artífices do prazer, não tinham outra obrigação a não ser tornar a vida da realeza a mais agradável possível.

No entanto, por motivos que explorarei com mais profundidade na seção 2, *Rasselas*, o quarto filho do imperador, passa a demonstrar profundo descontentamento e infelicidade; planeja de alguma forma fugir da prazerosa prisão. O jovem sonha acordado com a liberdade, deseja ver o mundo e o que é feito nele. Porém, é apenas no capítulo XII, após ouvir a história de vida do experimentado e quase idoso poeta Imlac, um dos artífices do Vale, o qual lhe interessou muito depois de recitar um poema sobre as várias condições dos homens, que descobrimos no que especificamente o príncipe tem posto suas esperanças de felicidade. Imlac acabara de narrar a busca frustrante pela mesma coisa, descrevendo alguns aspectos da vida no mundo, e, após comparar a condição dos europeus com a dos habitantes orientais, conclui: “Em toda parte, a vida humana é um estado em que há muito a [suportar] e pouco a desfrutar” ; “Ainda não estou pronto”, disse o príncipe, “para supor que a felicidade seja tão parcimoniosamente distribuída entre os mortais; e só posso acreditar que, se tivesse uma escolha de vida, seria capaz de preencher todos os dias com [prazer]” (50-51)<sup>7</sup>. Mais tarde, no mesmo capítulo, o jovem abre o coração para o novo companheiro, revelando a miséria que tem experimentado; quer que Imlac ajude-o encontrar uma saída: “Serás o companheiro de minha fuga, o guia

---

<sup>6</sup> A edição em português de *Rasselas* escolhida para as citações diretas neste trabalho foi JOHNSON, S. *RASSELAS Príncipe da abissínia*. LEBOOKS EDITORA, 2020. A partir daqui, apenas indicarei entre parênteses os números das páginas. Onde achar necessário, substituirei alguma palavra ou frase por uma tradução minha entre colchetes. As referências serão acompanhadas pelo texto original em rodapé, conforme *Yale* 16. “All the diversities of the world were brought together, the blessings of nature were collected, and its evils extracted and excluded”; “Every desire was immediately granted” (9-10).

<sup>7</sup> “Human life is every where a state in which much is to be endured, and little to be enjoyed.”

“I am not yet willing,” said the prince, “to suppose that happiness is so parsimoniously distributed to mortals; nor can believe but that, if I had the choice of life, I should be able to fill every day with pleasure” (50-51)

de minhas andanças, o sócio de minha fortuna e meu único conselheiro na *escolha de vida*” (55)<sup>8</sup>.

As edições inglesas do livro traziam na página do título o nome “*The Prince of Abissinia: A Tale*”, e no cabeçalho da primeira página do texto “*The History of Rasselas, Prince of Abissinia*”. No entanto, caso retornemos um pouco no tempo, para as últimas semanas do mês de janeiro de 1759, lemos Samuel Johnson em planejamento do preço de venda do livro, escrevendo o seguinte numa carta para William Strahan, seu colega e tipografo frequente:

Senhor,  
quando estive contigo noite passada, disse que estava preparando uma coisinha para a imprensa. O título será

The choice of Life  
or  
The History of ——— Prince of Abissinia [...]

Jan. 20. 1759<sup>9</sup>

(*Letters* 124)

Um leitor atento conseguirá, com certa facilidade, captar a moral da história: não existe felicidade duradoura, seja lá que tipo de vida se deseje trilhar. Todavia, para compreender o peso adequado do argumento para os seus contemporâneos, deve-se reconstruir algo perdido para nós: a ideia de uma *Choice of Life*, um *topos* do Setecentos, termo que se repete de novo e de novo na história, às vezes destacado em itálico, como uma batida irônica, expressão de uma esperança que é frustrada capítulo por capítulo e no livro como um todo.

---

<sup>8</sup> “Thou shalt be the companion of my flight, the guide of my rambles, the partner of my fortune, and my sole director in the *choice of life*” (56)

<sup>9</sup> “Sir

When I was with you last night I told you of a thing which I was preparing for the press. The title will be  
The choice of Life

or

The History of ——— Prince of Abissinia [...]

I am Dear Sir Your Most humble Servant Sam: Johnson Jan.20.1759”

Todas as cartas (a menos que seja indicado) são retiradas da edição HILL, G. B. (Ed.). *Letters of Samuel Johnson*, LL.D. New York: Harper & Bros., 1892. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/005802602>. Acesso em: 17 ago. 2022. A tradução a partir do inglês das outras obras de Samuel Johnson, com exceção de *Rasselas*, são minhas; acompanharei com o original em rodapé.

O conceito de uma escolha (ou escolhas) a ser feita na vida como pressuposição da felicidade faz-se presente em diversos escritos da antiguidade, nos quais os indivíduos letrados do século de Johnson eram educados.<sup>10</sup> Pitágoras de Samos teria representado a noção por meio da letra grega Y (ípsilon), escrita originalmente com um traço reto na vertical, que simbolizava o período da infância, após a qual encontrar-se-ia uma bifurcação, quando a escolha deveria ser feita entre o caminho do vício e o da virtude. Esta é a *Samian letter* a que alude Alexander Pope em *The Dunciad* (IV. 150-154).<sup>11</sup> Mas talvez nenhum texto da antiguidade tenha fomentado tanto essa forma de pensar quanto duas alegorias que gozavam de fama acumulada por séculos, a *Choice of Hercules*, atribuída a um contemporâneo de Sócrates, Pródico, e registrada na *Memorabilia*, de Xenofonte, e a *Pinax* (Tábua), de suposta autoria do tebano Cebes, discípulo do mestre ateniense.

Fora da *Memorabilia*, esses textos apareciam juntos, às vezes acompanhados do *Enchiridion*, de Epíteto, como padrão para aprendizado de moral e linguística; serviam de modelo para emulação em outras fábulas, sobretudo as que continham elementos oníricos e visionários; foram traduzidos várias vezes, renderizados em forma poética, sujeitos a análise pictórica<sup>12</sup>, e transpostos para outras artes como a pintura e a música. O interlúdio de Handel, *The Choice of Hercules*, baseado na versão poética de Robert Lowth, por exemplo, foi apresentado quatro vezes entre 1750 e 1757<sup>13</sup>. O próprio Samuel Johnson as conhecia bem. Em 1735 pôs Cebes e Xenofonte como indicação numa lista de autores gregos que o primo, Samuel Ford, deveria ler antes da universidade (*Life*, 1.99-100). De mesmo modo, escreveu o prefácio e provavelmente supervisionou o *The Preceptor* (1748), de Robert Dodsley, um curso em dois volumes dedicado à educação de

<sup>10</sup> Apenas alguns exemplos são: Cicero, *De officiis*. 1. 116-119; Philostratus, *De vita apollonii*. VI. x-xi ; Silius Italicus. XV. 18-128; Hesíodo. *Work and Days* (WD). 285-298; Persius. III. 52-57; V. 33-35. Estes textos podem ser encontrados em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.bartleby.com/203/163.html>. Acesso em: 26 de Ago. 2022

<sup>12</sup> Ver, por exemplo: AITKEN. G. A (Ed). *The Tatler*. 3vol. New York: Hadley & Mathews. 1899. no. 81, 97, 120, 123; SPENCE. J. *Polymetis*. London: Printed for R. and J. Dodsley, 1755. p.157; SHAFTESBURY. A. *Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times*. vol. 2. Liberty Fund. 1737, p. 143; FORDYCE. D. *Dialogues Concerning Education*. London: s.n, 1768, Diálogo XVI. Estes textos podem ser consultados em <https://www.gutenberg.org/>, <https://archive.org/>, e <https://oll.libertyfund.org/> . Acesso em: 20 de Ago. 2022

<sup>13</sup> Cf. Nota 13 de WASSERMAN, E. R. Johnson's "Rasselas": Implicit Contexts. *The Journal of English and Germanic Philology*, [S. l.], v. 74, n. 1, p. 1–25, 1975. O artigo de Wasserman foi um recurso imprescindível para o argumento deste trabalho, bem como o de Hansen: Instituição retórica, técnica retórica, discurso. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S. l.], v. 20, n. 33, p. 11-46, 19 dez. 2013

jovens, ao qual contribuiu para o segmento “On Human Life and Manners” – que contém tanto a forma poética da *Choice of Hercules*, de Lowth, como uma tradução da *Pinax (The Picture of Human Life)*, por Joseph Spence! – com uma alegoria, *The Vision of Theodore, The Hermit of Teneriffe, found in his cell*. Mais tarde, em 1766, quase uma década depois de escrever *Rasselas*, usaria novamente o tema, dessa vez num conto de fadas, *The Fountains*.

Mas do que tratam estas fábulas da antiguidade? Na *Memorabilia*, Sócrates dialoga com o incontinente Aristipo sobre quem é mais feliz, os que governam ou os governados, e sobre como deve levar a vida alguém que governa. O filósofo argumenta que mais feliz é quem governa, e que um tal homem anseia pelas recompensas árduas que advêm da virtude: fazer bons amigos, sujeitar inimigos, tornar-se capaz, corpo e alma, de administrar a própria casa. “Certamente estes labutam alegremente por tais prêmios e vivem uma vida alegre, contentes consigo mesmos, louvados e invejados pelos outros, não?” Sócrates então cita outros autores antigos que promoveram a mesma sabedoria, entre os quais Hesíodo (*WD*. 285-298), e Pródico, “o sábio, que se expressa da mesma maneira no que diz respeito à virtude na sua meditação ‘Sobre Hércules’ (*Mem*, 2.1.1-20).<sup>14</sup> “Quando Hércules passava da meninice para a juventude, momento em que os jovens, tornando-se mestres de si mesmos, demonstram se se aproximarão da vida pelo caminho da virtude ou o do vício, partiu para um lugar calmo, e sentou-se, ponderando que caminho escolher”. Duas figuras femininas gigantes, de trajes e comportamentos peculiares, encarnando os caminhos possíveis, aproximam-se dele: Vício promete jornada fácil, suave, cheia de prazeres para a felicidade; Virtude repreende a outra, e afirma não tentar enganar o rapaz com palavras traiçoeiras; revela que o caminho será árduo, suado,

pois todas as coisas boas, os deuses não dão aos homens sem labuta e esforço. Caso desejes o favor dos deuses, debes adorar os deuses; caso desejes o amor dos amigos, debes fazer bem aos teus amigos; caso cobices a honra de uma cidade, debes auxiliar tal cidade... caso queiras que tua terra dê frutos em abundância, debes cultivá-la; caso queiras a riqueza dos rebanhos, cuida dos rebanhos.

Hércules, vê quão difícil é tal caminho para a alegria, [diz vício], ... eu porém te levarei por uma estrada curta e fácil para a felicidade [εὐδαιμονίαν].

---

<sup>14</sup> O português é meu a partir da edição em inglês: MARCHANT.E.C (ed). *Xenophon in Seven Volumes*, Vol. 4. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., London. 1923.



E Virtude disse: “que boa coisa é tua, criatura miserável, ou que de agradável tu conheces, se não labutarás para ganhar quaisquer delas?...Louvor, a coisa mais doce de se ouvir, tu não ouves...quem crerá no que dizes?...Mas...aos meus amigos, carne e vinho trazem desfrute simples e doce...os jovens se alegram em receber o louvor dos velhos; os velhos, em serem honrados pelos jovens; com alegria relembram os feitos passados, e a bondade presente os faz sorrir, pois através de mim, são queridos aos deuses, amados dos amigos, preciosos à terra natal...Ó Hércules, filho de pais famosos, caso labutes perseverante nessa sabedoria, terás para ti a mais abençoada felicidade (μακαριστοτάτην εὐδαιμονίαν) (*Mem*, 2.1.21-34).

A fábula ensina que o caminho para o há de melhor é pedregoso, e advém da renúncia de prazeres presentes e do esforço da virtude. No argumento de Sócrates, evidencia a superior felicidade dos que governam.<sup>15</sup>

Na *Pinax*, de Cebes, um grupo divisa uma pintura de características estrangeiras no topo de uma capela, durante uma visita ao templo de Saturno. A narrativa segue num diálogo entre um dos estranhos e um cidadão idoso que os interpela e explica o significado da obra. “Caso vós observeis a lição ensinada, esta lhes fará sábios e felizes, mas caso negligencieis, miseráveis e amaldiçoados por todos vossos dias”.

Numa série de cercamentos concêntricos, o Circuito da Vida Humana é representado; no primeiro portal – a entrada para a vida – um Velho Gênio oferece conselhos. Os personagens, tal como em Pródico, são personificações (sobretudo femininas): Engano, Opiniões, Desejos, Falsa Ciência, Sofrimento, Desespero, Miséria, Verdadeira Ciência, Justiça, Fortitude, Honestidade, Liberdade etc. Dependendo a quais delas aqueles que adentram a Vida dão ouvido, podem ir parar na casa da Miséria, ou ascender ao lugar íngreme e de difícil acesso onde jaz a habitação das Virtudes e da mãe delas, Felicidade. Verdadeira Ciência que, ao contrário da Fortuna, está de pé sobre uma rocha quadrada, representação da firmeza e perenidade de seus caminhos, contém a única via para lá. Os que alcançam a Fortaleza da Felicidade são coroados por ela, tornando-se

---

<sup>15</sup> Ao comentar sobre Pródico no seu livro, Darrin McMahon diz o seguinte: “Hercules... escolhe o caminho mais difícil, o caminho trágico que leva a dor e sofrimento inevitável. Esta é, de fato, a tarefa do herói. A virtude pode muito bem ser a recompensa de Hercules, mas mantendo-se na antiga sabedoria da tradição trágica, este herói não será feliz. Ele não pode se fazer feliz. O conto mítico é digno de nota sobretudo como ilustração da bifurcação de caminhos, um último desvio da estrada dominante dos séculos vindouros. Pode ser que não seja até o fim do século dezoito, com a filosofia de Immanuel Kant, que um pensador novamente oporia felicidade e virtude tão radicalmente (*Happiness: a history*. repr. 2007. New York: Atlantic Monthly Press, 2007. p. 60). Todavia, McMahon parece equivocar-se quanto ao propósito da fábula, e do argumento de Sócrates. A felicidade, a mais abençoada felicidade, é a recompensa da Virtude, não algo distinto dela; a personagem corteja Hércules com os frutos da terra, a riqueza dos rebanhos, o amor dos amigos, e tantas outras coisas boas como resultado.

imediatamente tranquilos e abençoados, pois não mais colocam sua felicidade em coisas externas, mas a possuem no próprio peito. Estes que obtiveram o conhecimento do que é realmente bom são levados de volta para o início da jornada, onde passam a viver felizes, observando aqueles que ainda são dominados por todo tipo de vício, em acidentes e labutas constantes, arremessados de lá para cá. O homem coroadado, em contraste a isso, é “mestre da angústia, do sofrimento, da intemperança, da cobiça, da pobreza e de qualquer outro mal; superior a tudo que anteriormente lhe causava perturbações... ele está seguro contra tais males, pois possui o antídoto para eles”. No fim da história, o Cidadão Idoso responde a curiosidade do Estranho acerca da natureza do conselho dado pelo Gênio na entrada da Vida. “Que considerem todos os presentes [da fortuna] com indiferença, sem se alegrar caso receba algum, nem se entristecer caso ela os tome de volta...mas que prossigam em busca de uma aquisição mais duradoura...[os presentes] da Ciência... conhecimento do que realmente é o bem, além da firme, certa e imutável possessão dele”. “Para encerrar, amigos”, diz o Cidadão Idoso, “... não deixem que nenhuma dificuldade detenha vocês no caminho da Virtude; considerem todas as outras coisas desprezíveis perto disso. Então a lição que lhes ensinei se provará uma lição de Felicidade”<sup>16</sup>.

A moral da *Picture* tem viés estoico, na qual a vida virtuosa é a própria recompensa. Aquele que perseverou até o fim e recebeu a coroa da felicidade ainda enfrenta os mesmos males que outros homens, mas tornou-se superior a tudo isso, dono de um antídoto contra a Fortuna. O preceptor, no entanto, a interpreta de forma levemente distinta, concedendo que “diversões e entretenimentos de tipos inocentes podem ser considerados participantes da felicidade humana”, mas alerta o pupilo que considere se tais coisas podem ser destrutivas de algum prazer maior, “... por exemplo, nenhum prazer que possa ser desfrutado em vinho e mulheres, ou qualquer outro tipo de sensualidade e volúpia, pode equiparar o desfrute ou compensar a perda de saúde e inocência”<sup>17</sup>.

No excelente artigo já citado aqui acerca do contexto implícito de *Rasselas*, Wasserman (1975) argumenta que na era de Johnson os usos contínuos já haviam fundido as alegorias de Pródico e Cebes, estabelecendo para as obras no gênero uma estrutura narrativa que consistia numa jornada para a felicidade sob a condução de um gênio ou

---

<sup>16</sup> As citações da *Pinax* aqui são traduções minhas do inglês de Spence em DODSLEY, J. *The Preceptor*. Vol. 2. London: Printed for J.Dodsley. 1769, pp. 545-560. Disponível em: <https://archive.org/details/preceptorcontain02dods/page/545/mode/1up>

<sup>17</sup> Ibid. p. 544-545

instrutor idoso através de uma série de escolhas morais; além disso, persistia o costume (em decadência) de alegorização dos épicos de Homero (Odisseia) e Virgílio (Eneida), em termos de viagem educativa de recusa do vício e escolha da virtude, por meio da qual se adquiria sabedoria, e por fim retornava-se para casa; *Télémaque* (1699), de François Fénelon, é um dos exemplos mais celebrados do século. “Da fusão da alegoria educativa do tipo de Cebes, da leitura alegórica dos épicos clássicos e suas imitações, e do modelo cristão da *Fortunate Fall*<sup>18</sup> [como no *Paradise Lost*, de Milton] ascendia a forma da trama espiral e fechada de sucesso”, tendo no romance (*novel*), como gênero, sua secularização e popularidade cristalizadas<sup>19</sup>. “A recompensa da virtude não era mais redenção e paraíso, mas segurança aqui na terra, e o herói burguês proletário da cultura substituiu o herói cristão e o príncipe das jornadas épicas educativas” (WASSERMAN, 1975, p. 16–17). Alguns exemplos de ficções da época que seguem essa estrutura são *Robinson Crusoe* (1719), de Dafoe, *Pamela* (1740), de Richardson, e *Tom Jones* (1749), de Fielding.

O *topos* da *Choice of Life* refletia não apenas uma arquitetura ficcional, mas, por intermédio dela, um sentimento mais amplo do contexto que a fomentou: expectativas do século europeu de possibilidades materiais nunca antes disponíveis, subsistência dos iluminismos, autonomia pelo conhecimento, e obsessão por uma felicidade terrena que, apesar das dores de dente, parecia fazer mais do que nunca ao alcance individual de um numeroso contingente (HUNT, 2009; DARNTON, 2003).<sup>20</sup> Assim, sobretudo os leitores

---

<sup>18</sup> A *Fortunate Fall*, em latim *Felix culpa*, é a noção teológica de que a queda do homem no jardim do Éden permite, através da redenção em Jesus Cristo, um retorno mais glorioso e abençoado à comunhão de Deus. Ofereço aqui um exemplo em Milton: “See father [diz Jesus], what first fruits on earth are sprung/ From thy implanted grace in man, these sighs/ And prayers, which in this golden censer, mixed/ With incense, I thy priest before thee bring, / Fruits of more pleasing savour from thy seed/ Sown with contrition in his heart, than those/ Which his own hand manuring all the trees/ Of Paradise could have produced, ere fallen/ From innocence. (*Paradise Lost*, XI, 22-30).

<sup>19</sup> Norton (*Fiction and the philosophy of happiness: ethical inquiries in the Age of Enlightenment*. Lewisburg: Lanham, Md: Bucknell University Press; Rowman & Littlefield Pub. Group, 2012.), como já foi sugerido na introdução, argumenta que a “novel” tornou-se o gênero de destaque, contrapondo-se à rigidez e generalidade dos tratados, para exploração dos limites éticos e sociais da Felicidade. Ele utiliza a tese do filósofo canadense Charles Taylor que articula historicamente as noções de bem de uma cultura com suas formas narrativas. Ver TAYLOR, C. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1997. Cf. *Le neveu de Rameau* (1805), de Diderot.

<sup>20</sup> Cf. *Happiness*, cap. 4. No capítulo 1, McMahon, de forma semelhante, traça ao contexto ateniense do século V a.C., de surgimento da democracia e prosperidade relativa, uma mudança no conceito de *εὐδαιμονία*, que passa a se associar menos à visão trágica de um mundo governado por forças incontroláveis, cedendo espaço à agência individual, pelo menos no que diz respeito a uma pequena parcela da sociedade.

das obras famosas citadas acima trariam certas expectativas para *Rasselas*, mas não encontrariam ali o otimismo comum.

Sem dúvida, Johnson aprovava e mantinha o louvor à virtude e a crítica à vida de vício, negando, no entanto, a premissa de que a escolha de um caminho a seguir na vida pudesse ser expresso em termos simples, e principalmente a conclusão de que haja felicidade terrena duradoura. A ambiguidade dele pode ser notada no prefácio ao *The Preceptor*, no qual exalta a *Choice* e a *Pinax*, como “fábulas da maior autoridade no mundo pagão antigo”, mas exorta que se o pupilo deseja ser sábio e feliz, deve “diligentemente, estudar as ESCRITURAS DE DEUS”<sup>21</sup>. Estas escrituras forneciam ao autor de *Rasselas* não só uma visão pessimista sobre a natureza humana e a possibilidade de retorno imanente ao Éden, mas também o caso muito específico do Sábio (org. *Qohelet*), filho de Davi, rei em Jerusalém (Ec. 1.1), que a certa altura de sua vida decidira “saber o que vale a pena fazer debaixo do céu, nos poucos dias da vida humana” (2. 3), e cuja conclusão, em contraste à euforia setecentista, foi: “Que grande ilusão! Que grande ilusão! Tudo é ilusão!” (2.2).<sup>22</sup>

Como demonstrarei a partir daqui nas seções que seguem, *Rasselas* busca persuadir ao subverter o lugar comum da *Choice of Life*, enfatizando uma visão cristã de mundo e da natureza humana, *topos* alternativo no século XVIII. Sob o sol do *Qohelet*, as coisas são muito tortas para serem simplificadas numa bifurcação e promover esperanças seculares; o pecado, as limitações, e sobretudo o tédio e a morte apontam para algo acima do sol, onde verdadeiramente habita, para Johnson, o templo da felicidade.<sup>23</sup>

## 1.1 Inconsistências

---

<sup>21</sup> “He is instructed in these points by three Fables, two of which were of the highest authority in the ancient pagan world. But at this he is not to rest; for if he expects to be wise and happy, he must diligently study the SCRIPTURES OF GOD”. *The Preceptor*, vol. 1, p. xxx

<sup>22</sup> Neste trabalho as citações bíblicas serão feitas com base na versão em português SAYÃO, L. (Org.). *Bíblia Almeida Século 21*. 3ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2013. A palavra hebraica traduzida como *Ilusão* aqui é *hebel*, que significa *vento*, *vapor*, e as vezes é renderizada assim em outras traduções. Na *King James*, outra possibilidade consagrada aparece, *vanity*, que é a opção de Johnson ao lidar com o tema. No artigo *The Biblical Context of Johnson’s “Rasselas”*. *PMLA*, [S. l.], v. 84, n. 2, p. 274–281, 1969, Thomas Preston argumenta que Johnson, na sua leitura do *Qohelet*, também se valia da paráfrase e comentário do *Eclesiastes* feita pelo Bispo Simon Patrick (1685). Este livro de Patrick pode ser encontrado em: <https://archive.org/details/aparaphraseupon00patruoft/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 06 Ago. 2022

<sup>23</sup> Templo da Felicidade (Temple of Happiness) é como Johnson denomina o fim da Jornada através da Montanha da Existência (Mountain of Existence) em *The Vision of Theodore* (Yale 16, p.195-212).

Depois de escapar do Vale Feliz, e de se preparar durante dois anos na cidade do Cairo, ali, Rasselas inicia a investigação sobre as diversas formas de vida humana que compõe o miolo da história (cap. XVII a XXIX). As conclusões, como a do cap. XVII, sobre jovens tolos, ou do XX, sobre os perigos das riquezas, e ainda a do XXIV, acerca da instabilidade do poder, em grande parte seguem outro lugar comum antigo. A vida de prazeres e barulho, associada aos jovens, é duramente criticada pela personagem Virtude em Pródico, e a instabilidade das riquezas e do poder é representada na alegoria de Cebes pela Fortuna como uma mulher cega em pé sobre uma pedra esférica.

Alguém educado formalmente, junto dos outros filhos do imperador no Vale Feliz por vários sábios – pode-se conjecturar, em alegorias tais como a *Choice* e a *Picture* –, o príncipe facilmente enxerga os problemas destas formas de vida. No entanto, esta mesma educação esquemática e simplificadora (somada ao claustro desde a infância) o impede de detectar aqueles problemas mais profundos e pervasivos, por meio dos quais Jonhson propriamente tensiona e implode o *topos*. O primeiro desses problemas são as “inconsistências”.

A ingenuidade e ignorância do jovem acerca da natureza humana transparece em vários trechos. No capítulo VI, ele espera que um inventor, versado nas artes mecânicas, construa um apetrecho com asas que lhes possibilite escapar voando do Vale Feliz. O homem propõe a seguinte condição para o projeto: que a invenção não seja divulgada, nem partilhada com ninguém além deles dois. Rasselas questiona-o com uma fala formulaica: “Por que deveríeis esconder dos outros uma vantagem tão grande? Toda habilidade deve ser exercida pelo bem universal. Cada homem é tão devedor dos outros que deveria pagar por toda a bondade recebida” (32)<sup>24</sup>. O mecânico lhe explica então que o mundo não é habitado apenas por pessoas virtuosas, e que uma tal invenção nas mãos de gente má provocaria muita insegurança e danos.

O nome *inconsistências* deve-se propriamente às tentativas do príncipe de aplicar as regras da lógica ao comportamento humano. Ainda no Vale, quando Imlac narra a própria vida, conta que o pai era um homem de comércio cujo desejo dominante consistia em ficar rico. “Por que, perguntou o príncipe, teu pai desejava aumentar sua riqueza, se ela já era maior do que ousava revelar ou aproveitar? Não quero duvidar de tua

---

<sup>24</sup> : “Why should you envy others so great an advantage? All skill ought to be exerted for universal good; every man has owed much to others, and ought to repay the kindness that he has received” (27)

veracidade, mas duas coisas [inconsistentes] entre si não podem ser verdadeiras” (38)<sup>25</sup>. É preciso então que Imlac, admirado da curiosidade dele, mas lamentando-lhe a ignorância, ensine uma coisa sobre os seres humanos: inconsistências não podem ambas ter o mesmo valor de verdade, mas no que diz respeito aos homens convivem o tempo todo. Algum desejo sempre é necessário para movimentar a vida, ainda que não mais sejam produzidos por necessidades. Mais tarde, o poeta conta que em suas viagens encontrou homens que o enganavam sem quaisquer vantagens próprias a não ser a diversão e o orgulho. Pare um momento, surpreende-se Rasselas,

Existe no homem tal depravação que o leve a prejudicar alguém sem nenhum benefício para si próprio?

O orgulho, disse Imlac, raramente é delicado: satisfaz-se com vantagens bem mesquinhas. E a inveja só se sente feliz quando se pode comparar com a desgraça dos outros. Eram meus inimigos porque se mortificavam ao me imaginar rico e meus opressores porque se deleitavam ao constatar-me fraco.

Prossegue, disse o príncipe, não duvido dos fatos que relatas, mas julgo que os imputas a motivos errôneos (41-42)<sup>26</sup>.

No capítulo XVIII, sobre o estoicismo, um mestre discursa com eloquência e profundidade; Rasselas acredita ter encontrado alguém verdadeiramente feliz, superior às vicissitudes mundanas. Mas Imlac, a figura do sábio idoso que deveria guiar o pupilo à felicidade, é feito menos da argamassa das alegorias pagãs do que da experiência do mormaço no mundo do *Qohelet*, e adverte, “Não sejais tão apressado em confiar nos professores de moralidade ou em admirá-los. Discursam como anjos, mas vivem como homens” (71).<sup>27</sup> Quando o mestre estoico fica completamente abalado com o falecimento

---

<sup>25</sup> “Why,” said the prince, “did thy father desire the increase of his wealth, when it was already greater than he durst discover or enjoy? I am unwilling to doubt thy veracity, yet *inconsistencies* cannot both be true.” (33)

<sup>26</sup> “Is there such depravity in man, as that he should injure another without benefit to himself?” “Pride, said Imlac, is seldom delicate, it will please itself with very mean advantages; and envy feels not its own happiness, but when it may be compared with the misery of others. They were my enemies because they grieved to think me rich, and my oppressors because they delighted to find me weak.” “Proceed, said the prince: I doubt not of the facts which you relate, but imagine that you impute them to mistaken motives.” (36)

Um leitor de Santo Agostinho não pode deixar de se lembrar aqui do famoso episódio do roubo das peras na juventude do Pai da Igreja, narrado nas *Confissões, Livro II, cap. IV* (sem dúvida um texto conhecido por Johnson): “Pois roubei algo que tinha em abundância e muito melhor, e não pretendia gozar daquilo que procurava pelo roubo, mas do próprio roubo e do pecado.” A edição que cito aqui é SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. trad. Lorenzo Mammì. 1ª edição. [S. l.]: Penguin-Companhia, 2017.

<sup>27</sup> “Be not too hasty to trust, or to admire, the teachers of morality: they discourse like angels, but they live like men” (74). O capítulo XVIII reflete várias opiniões neoestóicas do século XVII e XVIII, contidas em livros como: *The Moral Philosophie of the Stoicks*, de Guillaume du Vair (traduzido para o inglês em 1598);

da filha, o jovem não consegue compreender como pode um homem raciocinar de modo tão poderoso sem viver os próprios argumentos.

Samuel Johnson trabalha a mesma coisa na história descrevendo as operações da imaginação e o choque desta com a realidade. O mundo não responde bem às expectativas da alma humana, nem a dizeres pré-calculados. No primeiro parágrafo do livro recebemos uma pista disso, quando o narrador convoca, “Vós que escutais com credulidade os sussurros da fantasia...prestai atenção à história de Rasselas, príncipe da Abissínia” (14)<sup>28</sup>. Alegre por conta da nova esperança de sair do Vale Feliz e ver o mundo, o príncipe passa algum tempo imaginando-se em situações que sempre culminavam no “alívio do sofrimento, a descoberta da fraude, a derrota da opressão e a difusão da felicidade” (24)<sup>29</sup>. Imlac conta-lhe que, quando jovem, cheio de esperança de ver o mundo, não podia conter a antecipação, elaborando “planos de conduta para diferentes situações”; depois de velho, avalia: “em nenhuma das quais jamais me encontrei” (40)<sup>30</sup>. Após muito tempo fora da terra natal, o então adulto poeta resolvera retornar para casa, esperando ser recebido com curiosidade e louvor por causa da sabedoria que havia adquirido, além de desfrutar da companhia do pai e dos velhos amigos. O pai, no entanto, já havia morrido há muito tempo, os amigos que restavam ou não lembravam quem ele era, ou se tornaram críticos do modo de vida que escolhera (53). O príncipe imagina um governante plenamente justo e capaz de banir o mal de seu reino, assim não pode deixar de criticar o Imperador por negligência ao ouvir que na Abissínia acontece opressão. “Se eu fosse Imperador, nem o mais humilde de meus súditos seria oprimido pela impunidade”. “Vosso ardor é o resultado natural da [virtude] animada pela juventude”, responde o cauteloso Imlac, virá o tempo em que o príncipe será menos rigoroso com o pai, pois nenhuma forma de governo fora inventada que prevenisse completamente a maldade; o magistrado, por mais diligente que seja, não consegue nem punir, nem saber de todos os crimes; se existem

---

*Seneca's Morals by Way of Abstract* (1678), de Sir Roger L'Estrange; *Man without Passion, or, The Wise Stoick, According to the Sentiments of Seneca*, Antoine Le Grand, traduzido em 1675; tradução das obras de Epíteto feita por Elizabeth Carter em 1758. A crítica de que o estoicismo consistiria numa doutrina de anjos era comum.

<sup>28</sup> “Ye who listen with credulity to the whispers of fancy...attend to the history of Rasselas prince of Abissinia” (7)

<sup>29</sup> “relief of distress, detection of fraud, defeat of oppression, and the diffusion of happiness” (18)

<sup>30</sup> “schemes for my conduct in different situations...in not one of which I have been ever placed” (35)

seres humanos envolvidos com poder, que haja opressão é inevitável. “Isso eu não entendo”, confessa *Rasselas* (36-37)<sup>31</sup>.

O tensionamento máximo ocorre, no entanto, no que diz respeito às promessas da vida virtuosa. No trecho já citado acima, o príncipe diz que se pudesse fazer uma *Choice of Life*,

Não prejudicaria ninguém e não provocaria nenhum ressentimento. Aliviaria todo sofrimento e teria a alegria das bênçãos da gratidão. Escolheria meus amigos entre os sábios; e minha mulher entre as virtuosas. Por isso não correria perigo algum de traição ou maldade. Cuidaria para que meus filhos fossem instruídos e devotos, de modo que me retribuíssem na velhice o que houvessem recebido na infância. O que poderia molestar alguém que, por toda parte, pudesse invocar milhares de pessoas enriquecidas por sua generosidade ou amparadas por seu poder? E por que a vida não deslizaria placidamente na suave reciprocidade de proteção e respeito? (51)

Seja piedoso, afaste-se do vício e trilhe um caminho direito na juventude para colher os frutos disso na velhice; era essa a promessa para Hercules. Certamente há aqui alguma verdade, diria Johnson, o que é falso é que isso possa ser considerado uma operação matemática, uma inferência direta do tipo “se, com certeza então”. No seu melhor poema, *The Vanity of Human Wishes*, uma imitação da décima sátira de Juvenal, escrito dez anos antes de *Rasselas*, ele já explorava as expectativas do Príncipe da Abissínia:

But grant, the virtues of a temp'rate prime  
Bless with an age exempt from scorn or crime;  
An age that melts in unperceiv'd decay,  
And glides in modest innocence away;  
Whose peaceful day Benevolence endears,  
Whose night congratulating Conscience cheers;  
The gen'ral fav'rite, as the gen'ral friend;  
Such age there is, and who could wish its end?

(289-296)

Mas quem dera as coisas fossem tão simples.

Yet ev'n on this her load Misfortune flings,  
To press the weary minutes flagging wings:  
New sorrow rises as the day returns,  
A sister sickens, or a daughter mourns.

---

<sup>31</sup> “If I were emperour, not the meanest of my subjects should be oppressed with impunity”  
“Your ardour is the natural effect of virtue animated by youth”,  
“This”, said the prince, “I do not understand” (32)



Now kindred Merit fills the sable bier,  
 Now lacerated friendship claims a tear.  
 Year chases year, decay pursues decay,  
 Still drops some joy from with'ring life away;  
 New forms arise, and diff'rent views engage,  
 Superfluous lags the vet'ran on the stage,  
 'Till pitying Nature signs the last release,  
 And bids afflicted worth retire to peace.

But few there are whom hours like these await,  
 Who set unclouded in the gulphs of Fate.  
 From Lydia's monarch should the search descend,  
 By Solon caution'd to regard his end,  
 In life's last scene what prodigies surprise,  
 Fears of the brave, and follies of the wise?  
 From Marlborough's eyes the streams of dotage flow,  
 And Swift expires a driv'ler and a show

(297-316)<sup>32</sup>

Mesmo uma juventude virtuosa pode terminar numa velhice de Swift, com baba escorrendo pelo canto da boca.<sup>33</sup> Como Heródoto registra que Sólon teria respondido para o Monarca da Lídia ao ser perguntado sobre a felicidade: só se podia avaliar a vida de um homem depois que ela terminasse<sup>34</sup>. Com certeza o conselho do grande legislador de Atenas soava anacrônico para muitos europeus; a percepção da imprevisibilidade do mundo não era mesma.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.eighteenthcenturypoetry.org/works/o5155-w0220.shtml>. Acesso em: 27 de Ago. 2022

<sup>33</sup> É claro que Samuel Johnson, para além do *Ecclesiastes* como veremos, poderia recorrer a história bíblica do justo Jó. Este, a certa altura da conversa com seus amigos, conta como costumava levar a vida: "...porque eu livrava o pobre que clamava e o órfão que não tinha quem o socorresse. A benção do que estava para morrer vinha sobre mim, e eu fazia alegrar-se o coração da viúva. Eu me vestia de retidão, que me servia de vestimenta. A minha justiça era como manto e diadema. Eu era os olhos do cego e os pés do aleijado. Era pai dos necessitados e examinava com dedicação a causa dos desconhecidos. Quebrava os caninos do perverso e arrancava-lhe a presa dos dentes" (Jo. 29.12-17). A situação posterior dele, cheio de feridas, insone e enlutado, é descrita assim: "Ele [Deus] levou os meus irmãos para longe de mim, e os que me conhecem tornaram-se como estranhos para mim. Os meus parentes se afastam, e os meus conhecidos se esquecem de mim.... Todos os meus amigos chegados me rejeitam, e até os que eu amava se voltaram contra mim" (Jó. 19. 13-14, 19). Os amigos de Jó são exemplos de mentes que operavam com base na justiça retributiva, tal como descrita no livro de Provérbios, por exemplo; mas a história desse homem justo e sofredor parece ser uma demonstração do clichê de que há mais coisas entre céus e terra do que supõe a vã sabedoria humana (cf. esp. cap. 1 e 42). É possível montar um argumento razoável de que, por uma perspectiva *Provérbios*, por outra, *Ecclesiastes* e *Jó*, livros sapienciais do canon hebraico e cristão, tensionam-se mutuamente.

<sup>34</sup> *Histórias*, 1.32, citado em *Happiness*, p. 4

<sup>35</sup> O terrível terremoto de Lisboa em 1755 provavelmente balançou uma tal confiança; o evento é explorado diretamente no *Candide* (cap.5), e mais cedo no *Poème sur le désastre de Lisbonne* (1756), por Voltaire.

A aspereza de *Vanity* é enfatizado em *Rasselas* pela história do Astrônomo que toma parte dos capítulos finais (XL-XLIV, XLVI), um homem de vasta inteligência, e além disso, profundamente virtuoso, disposto a interromper as inquirições mais profundas dada a oportunidade de fazer o bem por meio de seus conselhos ou riquezas. “Certamente tal homem é feliz, disse a princesa” (140)<sup>36</sup>. Descobrimos depois que, na verdade, ele é infeliz, e a causa é surpreendente: atormenta-o uma enfermidade mental que o oprime a acreditar ter o poder de controlar o clima (cap. XLI).

A complexidade das recompensas da virtude é posta em termos ainda mais explícitos quando o príncipe compara a vida das cortes com a vida doméstica. Este último tipo de vida permite, em contraste com aquela, que o circuito das pessoas com quem se relaciona estejam sob a vista, além da possibilidade de empregar as próprias habilidades em atividades menos imprevisíveis. “Por certo, essa pessoa nada tem a fazer senão amar e ser amada, ser virtuosa e feliz”. A irmã, sua companheira de investigação, então profere as seguintes palavras:

Este mundo jamais oferecerá uma possibilidade de julgarmos se a felicidade perfeita pode ser conseguida pela bondade perfeita. *Mas se pode afirmar, pelo menos, que nem sempre encontramos a felicidade visível em proporção à visível virtude. Todos os males naturais e quase todos os males políticos incidem igualmente sobre os maus e os bons, que se confundem na desgraça de uma fome e se distinguem pouco no furor de uma rebelião. Submergem juntos numa tempestade e juntos são expulsos de seus países por invasores* (94-95, grifo meu)<sup>37</sup>.

A questão aqui não é apenas que virtude e felicidade não formam uma equação matemática (o mesmo pode ser dito sobre vício e infelicidade), mas que como ninguém é perfeitamente virtuoso, não sabemos o que se seguiria disto.

Este é um problema com diversas ramificações. Por exemplo, a imprevisibilidade do mundo pode nos levar a perder, de uma hora para outra, coisas, e principalmente as pessoas quem mais amamos, personagens nucleares de nossa felicidade (a despeito das tentativas estoicas). No capítulo XXXIII, Pekuah, uma dama de companhia querida da princesa é sequestrada, e o paradoxo máximo se revela para a mente desta: “O que se

---

<sup>36</sup> “Surely,” said the princess, “this man is happy” (143).

<sup>37</sup> “Surely he has nothing to do but to love and to be loved, to be virtuous and to be happy”

“Whether perfect happiness would be procured by perfect goodness, this world will never afford an opportunity of deciding. But this, at least, may be maintained, that we do not always find visible happiness in proportion to visible virtue. All natural and almost all political evils, are incident alike to the bad and good: they are confounded in the misery of a famine, and not much distinguished in the fury of a faction; they sink together in a tempest, and are driven together from their country by invaders” (101-102)

pode esperar de nossa procura da felicidade, quando nos encontramos em tal estado que a própria felicidade é a causa da desdita?” (124-125)<sup>38</sup>.

Durante suas investigações, o *Qohelet* conta que decidiu experimentar a alegria, “Resolvi no íntimo a entregar o corpo aos efeitos do vinho e deixar-me levar pela insensatez ... não neguei nada que os meus olhos desejaram, nem privei o coração de alegria alguma”. Festas, acumulação de riqueza, construções magníficas, mulheres em grande número. Ao fim disso, conclui que o riso é loucura, que esses prazeres são como perseguir e agarrar o vento, escapam entre os dedos, mas que a sabedoria é melhor que a tolice (2. 1-14). Porém, anteriormente em seu discurso ele já havia preparado o terreno para coisas mais profundas e dolorosas, que perturbaram seu coração ao ponto da vertigem (2.20); diz, ainda nas primeiras linhas: “Não se pode endireitar o que é torto; não se pode contar o que falta” (Ec. 1. 15). Eis algumas das observações:

A sabedoria é tão boa como a herança e beneficia aqueles que veem o sol (7.11)

Nesta minha vida absurda, já vi de tudo: há o justo que morre, apesar da sua justiça; e há o ímpio que tem vida longa, apesar da sua maldade (7.15).

Não há um só homem justo sobre a terra, que só faça o bem e nunca peque (7.20).

O coração dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal porque não se executa logo o castigo sobre os crimes (8.11)

Ainda há outro absurdo sobre a terra: há justos que sofrem como se fossem ímpios, e há ímpios que são premiados como se fossem justos. Eu disse que também isso é absurdo (8. 14).

Tudo acontece igualmente a todos: ao justo e ao ímpio, ao bom e ao mau, ao puro e ao impuro, ao que oferece sacrifícios e ao que não oferece, ao bom e ao pecador, ao que faz juramentos e ao que não faz. Este é o mal que há em tudo o que se faz debaixo do sol: o mesmo acontece a todos. Além disso, o coração dos homens está cheio de maldade e de insensatez durante toda a vida (9. 2-3).

Observei ainda e vi que debaixo do sol a corrida não é dos ligeiros, a batalha não é dos fortes; o pão não é dos sábios, a riqueza não é dos prudentes, o favor não é dos inteligentes; mas todos dependem do tempo e do acaso. Pois o homem não conhece sua hora. Como os peixes são apanhados na rede mortal, e os passarinhos na armadilha, assim

---

<sup>38</sup> “What is to be expected from our pursuit of happiness, when we find the state of life to be such, that happiness itself is the cause of misery?” (129)

também os homens são enredados pelos tempos difíceis que lhes sobrevêm de repente (9.11).

Havia uma pequena cidade de poucos moradores; e um grande rei a atacou e cercou e levantou grandes rampas de ataque contra ela. Mas nela havia um sábio pobre que livrou a cidade pela sua sabedoria; no entanto, ninguém mais se lembrou daquele homem pobre... (9.14-15)

As moscas mortas fazem com que o óleo do perfumista se estrague e produza mau cheiro (10.1)

Na *King James Bible*, o versículo quatorze do capítulo primeiro de *Eclesiastes* afirma: “I have seen all the works that are done under the sun; and behold, all is vanity and vexation of spirit”. Samuel Johnson escreveu um sermão sobre esse texto, o qual explicou assim:

O resultado de todos os esforços humanos é incerto. Aquele que planta, pode colher nenhum fruto; o que semeia, eventualmente não tem colheita. Até mesmo as operações mais simples estão sujeitas ao desastre, advindo de causas que não podemos prever; e caso pudéssemos prevêê-las, não seríamos capazes de preveni-las [...]. A História da humanidade é pouco mais do que a narrativa de desígnios que falharam, e esperanças que desapontaram [...]. Todo homem espera por gentileza dos amigos, diligência dos servos, e obediência dos filhos; ainda assim os amigos são frequentemente desleais, os servos negligentes, e os filhos rebeldes. *Com efeito, a sabedoria humana gastou todas suas forças em fornecer regras para a conduta; mas tais regras nada mais são que vaidades. São difíceis de serem observadas, e mesmo que observadas, tem efeito incerto.* (Sermon 12, Yale 14, p. 130-131; grifo meu)<sup>39</sup>.

É claro que, para além do que já se pode ver de torto, absurdo e incerto nisto, há ainda o fenômeno já sugerido que mais transtorna o filho do rei Davi, e do qual trataremos melhor abaixo: a morte que jaz no horizonte de cada ser humano.

Por ora, o problema das inconsistências exploradas aqui, conforme pululam em *Rasselas*, advindas de uma natureza humana bem mais complexa do que era representada pelos educadores do príncipe, e do desencaixe entre as expectativas dessa natureza e as respostas do mundo, pode ser resumida pela síntese de outro autor que Johnson lia, e cujos

---

<sup>39</sup> “The event of all human endeavours is uncertain. He that plants, may gather no fruit; he that sows, may reap no harvest. Even the most simple operations are liable to miscarriage, from causes which we cannot foresee; and if we could foresee them, cannot prevent [...]The history of mankind is little else than a narrative of designs which have failed, and hopes that have been disappointed [...]Every man hopes for kindness from his friends, diligence from his servants, and obedience from his children; yet friends are often unfaithful, servants negligent, and children rebellious. Human wisdom has, indeed, exhausted its power, in giving rules for the conduct of life; but those rules are themselves but vanities. They are difficult to be observed, and though observed, are uncertain in the effect.”

Pensamentos certa vez informou ter entregado, numa Sexta-Feira Santa, para Boswell, de modo que este não o atrapalhasse na leitura bíblica do dia (*Yale* 1, p. 294): “[o homem] é um monstro que ultrapassa todo entendimento” (PASCAL, P.130).<sup>40</sup>

## 1.2 A fonte ou a foz do Nilo

A ideia de uma escolha de vida pressupõe privilégios de que poucos de fato desfrutam; um conhecimento de si mesmo e das circunstâncias que *Rasselas* nega à criaturas limitadas e dependentes (diga o que diga o orgulho delas); além disso, entretém a existência de uma opção irretocável, o que o próprio planeta insiste em refutar.

Há alguns diálogos chaves para esta subseção na história do príncipe da Abissínia. O primeiro decorre no capítulo XI, aludido acima, quando Imlac conta ao príncipe os causos de sua passagem pela Palestina, e sobre a presença de europeus ali. Ao ser questionado pelo curioso jovem acerca da relativa felicidade destes, responde

Há tanta infelicidade no mundo que quase ninguém tem descanso de suas próprias desditas para avaliar comparativamente a felicidade dos outros [...] os europeus são menos infelizes do que nós, mas não são felizes. Em toda parte, a vida humana é um estado em que há muito a [suportar] e pouco a desfrutar (49-50)<sup>41</sup>.

Mais tarde, no capítulo XVI, depois do tempo de preparação no Cairo, o poeta tenta desfazer a ilusão das aparências de felicidade, como veremos na seção 3, causa de desconsolo no príncipe logo nos primeiros passos da investigação. À certa altura, diz *Rasselas*, de mente “prodiciãna”,

Mas decerto os sábios a quem ouvimos, reverentes e maravilhados, escolheram para si o modo de vida que julgaram ter mais chances de fazê-los felizes.

Muito poucos vivem por escolha, disse o poeta. Todo mundo é posto em sua atual situação por causas que agiram sem que as tivesse previsto e com as quais nem sempre cooperou de boa vontade. Por isso, raramente encontrareis alguém que não considere o quinhão de seu vizinho melhor que o seu (67)<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> A edição dos *Pensamentos* que utilizo aqui é PASCAL, B. *Pensees*. trad. Alban J. Krailsheimer. Revised ed. London : New York: Penguin Books, 1995. Tradução minha. Utilizo “P” para indicar o número do Pensamento.

<sup>41</sup> “There is so much infelicity in the world, that scarce any man has leisure from his own distresses to estimate the comparative happiness of others... The Europeans are less unhappy than we, but they are not happy. Human life is every where a state in which much is to be endured, and little to be enjoyed” (49-50)

<sup>42</sup> “But surely, the wise men, to whom we listen with reverence and wonder, chose that mode of life for themselves which they thought most likely to make them happy.”

Talvez os europeus usem o conhecimento que têm para aliviar alguns inconvenientes, como arrancar dentes podres e evitar dores excruciantes, ou construir estradas nas montanhas e pontes sobre rios, ou ainda arquitetar máquinas que aperfeiçoam o trabalho manual; não é difícil imaginar que isto os torne menos infelizes. A Escolha de um caminho para seguir na vida, todavia, é algo raro. Do Ocidente ao Oriente, alguém que tenha de trabalhar arduamente pelo almoço e jantar todos os dias, ou engajar-se constantemente com problemas para resolver, seja no esplendor dos palácios assentado no trono de governante, seja na poltrona de casa, atendendo à demanda dos filhos e às queixas do cônjuge, ou ainda suportar as próprias enfermidades que se sucedem, dificilmente pode, como Hércules, ausentar-se para lugar um calmo e considerar os méritos e deméritos de cada condição humana, ou, como Rasselas, sair pelo mundo fazendo perguntas sobre diferentes modos de vida. Neste aspecto, o Príncipe demonstra sabedoria, pois reconhece que “meu nascimento me deu pelo menos uma vantagem em relação aos outros, por me ter concedido a possibilidade de escolher por mim mesmo. Tenho o mundo diante de mim. Vou examiná-lo com calma. Certamente a felicidade pode ser encontrada em algum lugar” (67)<sup>43</sup>.

Mas este nem de perto é o principal problema. A imagem que descreve melhor porque as pessoas foram parar na condição de vida atual é menos a de um intelecto semidivino diante de uma bifurcação numa cena estática, do que o de uma unidade psicossomática numa cidade movimentada, barulhenta, cheia de vias e becos (como Cairo, ou como a Londres<sup>44</sup> setecentista), um ser localizado no tempo e no espaço, sujeito à causas tão diversas como condições financeiras, educação recebida dos pais, hábitos formadores<sup>45</sup>, cultura ao redor; causas entre as quais a volição se acotovela, e às vezes

---

“Very few”, said the poet, “live by choice. Every man is placed in his present condition by causes which acted without his foresight, and with which he did not always willingly co-operate; and therefore you will rarely meet one who does not think the lot of his neighbour better than his own” (67)

<sup>43</sup> “My birth has given me at least one advantage over others, by enabling me to determine for myself. I have here the world before me; I will review it at leisure: surely happiness is somewhere to be found”(68)

<sup>44</sup> Cf. A descrição da cidade do Cairo na história teria sido inspirada pela Londres do autor. Ver outro famoso poema dele: *London: A Poem, In imitation of the third satire of Juvenal*. Para mais acerca de detalhes da composição de Rasselas, ver: LOCKHART, D. M. “The Fourth Son of the Mighty Emperor”: The Ethiopian Background of Johnson’s Rasselas. *PMLA*, [S. 1.], v. 78, n. 5, p. 516–528. 1963; WEITZMAN, A.J. “More Light on Rasselas: The Background of the Egyptian Episodes”, *Philological Quarterly*, 48 : p. 44-58, 1969.

<sup>45</sup> Na fábula *The Vision of Theodore* em que emula a *Picture*, de Cebes, Jonhson foca nos hábitos, personificados como pigmeus com correntes nas mãos, que podem se tornar gigantes assustadores e imparáveis, inimigos ou aliados.

presume governar plenamente. Cícero já havia percebido isso quando no seu *De Officiis*, ao discorrer sobre o tema da escolha de vida e vocação, citando explicitamente a fábula de Pródico, diz:

Isso talvez possa acontecer com um Hércules, ‘rebento de Júpiter’; mas pode muito bem não acontecer conosco...geralmente estamos tão imiscuídos com os ensinamentos de nossos pais, que seguimos irresistivelmente as maneiras e costumes deles. Outros, são levados pela corrente da opinião popular e escolhem especialmente aquilo que a maioria pensa ser atrativo. Alguns, entretanto, como resultado de alguma coincidência feliz ou habilidade intrínseca, adentram o caminho correto da vida, sem direção parental. (1.118)<sup>46</sup>.

Escrevendo em outro lugar, Samuel Johnson afirma:

É comum que não se observe o quanto mesmo aquelas ações consideradas particularmente sujeitas à escolha devem ser atribuídas a acidentes, ou outra causa fora de nosso alcance, seja lá por qual nome a chamemos...Caso uma pessoa analise a própria vida, descobrirá que o bem ou mal que experimentou em grande parte adveio inesperadamente...que cada evento foi influenciado por causas que agiram sem a intervenção dela; e que sempre que pretendeu a prerrogativa de previsão, acabou mortificada por uma nova certeza da estreiteza de suas ideias. (*The Rambler*, No. 184, *Yale* 5, p. 202-203).<sup>47</sup>

Retornando ao diálogo do capítulo XVI, Rasselas e Imlac prosseguem:

Porém, seja qual for a infelicidade geral dos homens, uma situação é mais feliz do que outra, e com certeza o discernimento nos conduz a preferir o menor dos males, na *escolha de vida*.

As causas do bem e do mal, replicou Imlac, são tão [variadas] e incertas, tão comumente misturadas umas às outras, tão diversificadas por várias relações e tão sujeitas a contingências imprevisíveis, que alguém que [deseje estabelecer] sua situação com base em razões incontestáveis de preferência deve viver e morrer indagando e decidindo (66-67)<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> Do inglês de MILLER. W (ed). *M. Tullius Cicero. De Officiis. With An English Translation*. Cambridge. Harvard University Press; Cambridge, Mass., London, England. 1913.

<sup>47</sup> “It is not commonly observed, how much, even of actions considered as particularly subject to choice, is to be attributed to accident, or some cause out of our own power, by whatever name it be distinguished...If a person will review his life he will find that of the good or ill which he has experienced, a great part came unexpected ...; that every event has been influenced by causes acting without his intervention; and that whenever he pretended to the prerogative of foresight, he was mortified with new conviction of the shortness of his views.”

<sup>48</sup> “Whatever be the general infelicity of man, one condition is more happy than another, and wisdom surely directs us to take the least evil in the *choice of life*.”

“‘The causes of good and evil,’ answered Imlac, ‘are so various and uncertain, so often entangled with each other, so diversified by various relations, and so much subject to accidents which cannot be foreseen, that he who would fix his condition upon incontestable reasons of preference, must live and die enquiring and deliberating.’” (67)

O poeta expõe os limites da razão humana, e a narrativa confirma isso quando a dama de companhia da princesa é sequestrada por árabes na mesma terra para onde José fora vendido como escravo pelos irmãos na história bíblica<sup>49</sup>; a falha da cavalaria turca em perseguir os errantes do deserto evita que eles assassinem os reféns, e mais tarde Pekuah é resgatada e salva. A princesa explora uma dimensão levemente distinta da matéria, na ocasião em que é acusada pelo príncipe de incoerência lógica, ao considerar que tanto o celibato, quanto o casamento tem defeitos, e não conseguir decidir qual dos dois é pior:

Não esperava ouvir ser imputado à falsidade o que é consequência apenas da fragilidade. É difícil tanto para [a mente], quanto para os olhos, comparar com precisão objetos vastos em extensão e múltiplos em seus componentes. Quando de uma só vez enxergamos ou concebemos o todo, prontamente notamos as diferenças e escolhemos. Mas em dois sistemas, os quais nenhum ser humano pode examinar em toda a sua magnitude e complexidade múltipla, por que o espanto de que, ao julgar o todo pelas partes, eu oscile entre um e outro à medida que cada um se imprime em minha memória ou imaginação? Diferimos de nós mesmos exatamente como diferimos uns dos outros, quando vemos apenas parte do problema, como nas multiformes relações [presentes na] política e moral. Mas quando percebemos o todo de uma só vez, como em cálculos numéricos, todos concordamos em um único juízo e ninguém muda sua própria opinião (98)<sup>50</sup>.

No interior da mesma controvérsia, Rasselas diz que uma forma de evitar casamentos ruins seria certamente basear a escolha de um cônjuge na disposição deste em se submeter à razão.

Assim é que os filósofos se enganam, disse Nekayah, há mil discussões [familiares] que a razão jamais pode resolver, questões que escapam à investigação e tornam a lógica ridícula; casos em que é preciso fazer alguma coisa e muito pouco se pode dizer. Observa o estado da humanidade e verifica quão poucas são as pessoas de quem se pode esperar que ajam em quaisquer ocasiões, triviais ou importantes, tendo presentes [na mente] todas as razões para aquela

---

<sup>49</sup> Depois de sofrer muitas coisas, José termina como governador do Egito e evita que a família da aliança pereça devido a uma aguda crise de fome na região; após a morte do pai Jacó, os irmãos temem que intencione vingar-se, mas ele lhes diz: “Não temais. Por acaso estou no lugar de Deus? *Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem, para fazer o que se vê neste dia, ou seja, conservar muita gente com vida*” (Gn. 50.19-20).

<sup>50</sup> “I did not expect to hear that imputed to falsehood which is the consequence only of frailty. To the mind, as to the eye, it is difficult to compare with exactness objects vast in their extent, and various in their parts. Where we see or conceive the whole at once we readily note the discriminations and decide the preference: but of two systems, of which neither can be surveyed by any human being in its full compass of magnitude and multiplicity of complication, where is the wonder, that judging of the whole by parts, I am alternately affected by one and the other as either presses on my memory or fancy? We differ from ourselves just as we differ from each other, when we see only part of the question, as in the multifarious relations of politics and morality: but when we perceive the whole at once, as in numerical computations, all agree in one judgment, and none ever varies his opinion.” (104-105)



ação. Mais desgraçado que a maior das desgraças seria o casal que estivesse fadado a toda manhã, adequar à razão os minúsculos detalhes do dia-a-dia doméstico (102)<sup>51</sup>.

Um ajuste das circunstâncias que conduzisse a uma irretocável felicidade pressupõe aos seres humanos capacidades que o próprio Zeus invejaria, tais como onisciência, ou separação minuciosa de joio e trigo<sup>52</sup>; mas a razão se revela incerta mesmo em situações simples, como a intensidade e o momento certo de interpelar um filho teimoso, ou quando e como fazer as pazes com a esposa após um desentendimento. Além disso, essas decisões jamais ocorrem num plano de fundo estático e sim em meio à reponsabilidades que se atropelam. Se, como dito acima, o saldo dificilmente fecha no cálculo de virtude e recompensa, que tipo de caminho seguir na vida não é nem de longe tão descomplicado quanto somar dez com quinze, ou mesmo resolver uma equação astronômica. Na verdade, pretender a habilidade de selecionar O Caminho Certo pode produzir muita ansiedade, e, paradoxalmente, o efeito contrário a que se propõe; em seu *Dictionary of the English Language (1755)*, Samuel Johnson faz a seguinte citação de Josph Addison para uma das acepções do verbete *Inconstancy*: “Irresolução nos esquemas de vida que se oferecem à escolha, e inconstância em mantê-los, são as maiores e universais causas de inquietude e infelicidade”<sup>53</sup>.

Contribuindo para o *The Adventurer* No.107, em 13 de novembro de 1753, Samuel Johnson traça as causas das opiniões divergentes até “[às] diferentes faces exibidas pelos mesmos objetos conforme são vistos de lados opostos, e [às] diferentes inclinações que incitam constantemente naqueles que os observam”:

Somos seres finitos, capacitados com diferentes tipos de conhecimento, exercendo graus distintos de atenção, um descobrindo consequências que escapam ao outro, nenhum considerando todas as concatenações de causas e efeitos, e a maioria compreendendo nada mais que uma pequena parte; cada um comparando o que observa com

---

<sup>51</sup> “Thus it is,” said Nekayah, “that philosophers are deceived. There are a thousand familiar disputes which reason never can decide; questions that elude investigation, and make logick ridiculous; cases where something must be done, and where little can be said. Consider the state of mankind, and enquire how few can be supposed to act upon any occasions, whether small or great, with all the reasons of action present to their minds. Wretched would be the pair above all names of wretchedness, who should be doomed to adjust by reason every morning all the minute detail of a domestick day.” (109)

<sup>52</sup> No seu *A Fundamentação da Metafísica dos Costumes (1785)*, Kant se valerá de uma premissa semelhante para questionar o conceito de Felicidade.

<sup>53</sup> “Irresolution on the schemes of life which offer themselves to our choice, and inconstancy in pursuing them, are the greatest and most universal causes of all our disquiet and unhappiness”. Uso aqui a versão online deste dicionário, que pode ser encontrada em: <https://johnsonsdictionaryonline.com/>. Acesso em: 05 de Ago. 2022

critérios diferentes, e referindo-se a propósitos igualmente diferentes (*Yale 2*, p. 441-442).<sup>54</sup>

Ainda neste tópico, Boswell registra uma carta do ilustre amigo para ele, datada de 21 de agosto de 1766, na qual num dos trechos lê-se:

A vida não é longa, e não se deve passar muito dela em vã deliberação sobre como vive-la; a deliberação, que alguns iniciam com prudência, e prosseguem com sutileza, será, após longo tempo de pensamento, finalizada pela chance. Preferir um modo futuro de vida a outro, com base em razões justas, requer faculdades que não foi do agrado do criador nos conceder (*Life*, 2 .22).<sup>55</sup>

Mas, realizada a escolha de vida, falta até aquilo que se suporia básico: a plena apreciação das razões pessoais, ou em termos mais profundos, autoconhecimento. No capítulo XXI, o eremita avalia a opção do isolamento feita muito tempo antes, depois de ter sido preterido no exército por um oficial mais jovem: “às vezes me envergonho [de pensar que não conseguiria me guardar do vício, a não ser por me afastar do exercício da virtude], e começo a suspeitar de que o que me impeliu à solidão foi o ressentimento e não a devoção” (79, grifo meu)<sup>56</sup>. Juvenal, no começo da Sátira X, já provocava que a maioria dos homens não sabem o que é realmente bom para eles:

Em todas as terras de Cadiz ao Ganges e além do nascer do sol, existem apenas uns poucos capazes de distinguir bençãos verdadeiras do seu oposto, afastando as brumas do engano. Que projeto formamos tão auspiciosamente que depois não venhamos a nos arrepender do esforço e do desejo concedido? (1-4)<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup>“...the different faces shewn by the same objects as they are viewed on opposite sides, and of the different inclinations which they must constantly raise in him that contemplates them”; “we are finite beings, furnished with different kinds of knowledge, exerting different degrees of attention, one discovering consequences which escape another, none taking in the whole concatenation of causes and effects, and most comprehending but a very small part; each comparing what he observes with a different criterion, and each referring it to a different purpose”

<sup>55</sup> Cf. O cômico momento em que Rasselas se dá conta no capítulo IV do tempo que perdera com situações imaginárias, em vez de buscar uma forma de escapar do Vale: “These sorrowful meditations fastened upon his mind; he past four months in resolving to lose no more time in idle resolves [...] He, for a few hours, regretted his regret, and from that time bent his whole mind upon the means of escaping from the valley of happiness” (20, grifo meu). No Capítulo XXX, Imlac exorta o príncipe e a princesa que debatem intensamente: “It seems to me that while you are making the choice of life, you neglect to live” (111).

<sup>56</sup>“I am sometimes ashamed to think that I could not secure myself from vice, but by retiring from the exercise of virtue, and begin to suspect that I was rather impelled by resentment, than led by devotion, into solitude” (82)

<sup>57</sup> Inglês de RAMSAY. G.G. (Ed). *Juvenal and Persius*. With an English translation by G.G. Ramsay. London. William Heinemann, 1920. Este é o tema central de *The Fountains: A Fairy Tale*, de Jonhson; A protagonista Floretta ganha o poder de ter seus desejos realizados bebendo de duas fontes separadas que jazem dentro de uma caverna, uma se chama *Fonte da Alegria*, a outra, *Fonte do Sofrimento*. O mais interessante aqui é que se fada madrinha de Floretta não tivesse revelado a ela, jamais saberia que lá na frente, fora da vista, os arroios destas duas fontes se misturavam em uma única corrente.

É claro que o mero foco do coração em fazer uma escolha de vida que entregue felicidade terrena duradoura já constitui para Johnson clara evidência da ausência de autoconhecimento, conforme ficará claro no último tópico.

Por fim, a própria condição metafísica atual do mundo e do homem representa mais um obstáculo à escolha nos termos populares. O defeito não está só no desencaixe entre expectativa-realidade (“todas as fontes de prazer poluídas, e todos os retiros de tranquilidade perturbados...todo tipo de felicidade humana tem defeitos” (*The Rambler* No. 203, *Yale* 5, p.291-293))<sup>58</sup>, mas também, neste sentido, no entendimento de que qualquer opção feita por criaturas limitadas espaço-temporalmente implica em ganhos e perdas. Se Imlac deseja ardentemente ver o mundo, deve abrir mão da presença dos amigos e do pai, e arcar com a possibilidade de que quando reaparecer, talvez eles estejam mortos; se o eremita se afasta da sociedade por causa do caráter traiçoeiro dos homens maus, perde também a companhia dos bons; se o casamento precoce implica em precipitação, o casamento tardio, em pusilanimidade; o que se ganha em um destes casos, perde-se no outro, “A união dessas duas afeições produziria tudo o que se poderia desejar”, disse Rasselas. “Talvez haja um tempo em que o casamento as possa unir, um tempo que não seja nem tão prematuro para o pai, nem tão tardio para o marido”.

Cada minuto confirma meu julgamento em favor da posição que Imlac defende tantas vezes, respondeu a princesa. “*A natureza deposita seus dons na mão direita e na esquerda*”. *Essas situações, que exaltam a esperança e seduzem à vontade, são constituídas de tal modo que, ao nos aproximarmos de uma, afastamo-nos da outra. Existem bens tão opostos que não podemos nos apossar de ambos ao mesmo tempo, mas, com prudência excessiva, corremos o risco de passar por entre eles a uma distância tão grande que não consigamos alcançar qualquer dos dois. Frequentemente, esse é o destino da reflexão muito demorada: quem se empenha em fazer mais do que é permitido à humanidade não faz nada...Ninguém pode colher os frutos do outono enquanto se delicia com o perfume das flores da primavera. Ninguém pode, ao mesmo tempo, encher sua taça na nascente e na foz do Nilo* (103-104, grifo meu).<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> “every source of pleasure is polluted, and every retirement of tranquillity disturbed...all human happiness has its defects.”

<sup>59</sup> “The union of these two affections,” said Rasselas, “would produce all that could be wished. Perhaps there is a time when marriage might unite them, a time neither too early for the father, nor too late for the husband.”

“Every hour,” answered the princess, “confirms my prejudice in favour of the position so often uttered by the mouth of Imlac, “That nature sets her gifts on the right hand and on the left.’ Those conditions, which flatter hope and attract desire, are so constituted, that, as we approach one, we recede from another. There are goods so opposed that we cannot seize both, but, by too much prudence, may pass between them at too great a distance to reach either. This is often the fate of long consideration; he does nothing who endeavours to do more than is allowed to humanity... No man can taste the fruits of autumn while he is delighting his

O astrônomo, perturbado por suas obsessões de controle climático, tentara encontrar uma disposição para a eclíptica do sol e para o eixo da terra tal que o globo inteiro fosse beneficiado, “mas não consegui... O que uma região lucra outra perde em virtude de alguma imponderável alteração, mesmo sem levar em conta as zonas mais distantes do sistema solar, que nos são desconhecidas” (146)<sup>60</sup>. Observa Jonhson no *Rambler* No. 178 (*Yale* 5, p.173)

A Providência fixou os limites do desfrute humano com fronteiras inamovíveis, colocando gratificações distintas em tal distância uma da outra, que nenhuma arte as pode unir. Esta lei deve ser alvo de compreensão para todo ser racional, de modo que a vida não passe numa tentativa de tornar contradições consistentes...De dois objetos que atraem à distâncias contrárias é impossível que se aproxime de um deles sem afastar-se do outro; em longas deliberações e projetos hesitantes, ambos podem ser perdidos, mas nunca ambos ganhos.<sup>61</sup>

“Considera as obras de Deus”, conclama o *Qohelet*, “Quem poderá endireitar o que ele fez torto?” (Ec. 7.13).

---

scent with the flowers of the spring: no man can, at the same time, fill his cup from the source and from the mouth of the Nile” (110)

<sup>60</sup> “I have found it impossible to make a disposition by which the world may be advantaged; what one region gains, another loses by any imaginable alteration, even without considering the distant parts of the solar system with which we are unacquainted” (148)

<sup>61</sup> “Providence has fixed the limits of human enjoyment by immoveable boundaries, and has set different gratifications at such a distance from each other, that no art or power can bring them together. This great law it is the business of every rational being to understand, that life may not pass away in an attempt to make contradictions consistent.... Of two objects tempting at a distance on contrary sides it is impossible to approach one but by receding from the other; by long deliberation and dilatory projects, they may be both lost, but can never be both gained.”

## 2 AS FLORES DA PRIMAVERA OU OS FRUTOS DO OUTONO

Cabe aqui, de início, comentar a multiforme e criativa abordagem do tempo dentro da história de *Rasselas*, do qual o tédio, impeditivo principal de uma vida secular feliz, é função. Há pelo menos três formas pelas quais Samuel Johnson poetiza esta dimensão ontológica: (1) por meio de um plano de fundo em movimento, sobretudo na figura do Nilo, acompanhado de uma natureza que ensina, e isto reforçado pela metáfora das águas; (2) outras referências indiretas ou diretas à ação temporal; (3) descrição do relacionamento, às vezes pacífico, às vezes tormentoso, do homem com Cronos, que é o próprio ser.

Desde os primeiros parágrafos da narrativa, o Nilo é constituído como personagem ao mesmo tempo coadjuvante e incontornável. Nos domínios do Imperador da Abissínia, “se inicia o curso do Pai das águas, cuja generosidade se derrama em riachos de abundância e espalha por meio mundo as colheitas do Egito” (14)<sup>62</sup>. No capítulo XXV, a princesa Nekayah o invoca pelo mesmo epíteto: “Responde, grande Pai das águas, tu, que alagas com tuas inundações oitenta países, às perguntas que te faz a filha do rei de tua terra natal. Conta-me se banhas, em todo o teu curso, uma única moradia em que não escutes murmúrios de queixa” (87)<sup>63</sup>. O Rio interfere diretamente nas viradas da trama, ora pela inundação, forçando os personagens refletir no interior das residências, ora pela seca, permitindo-os agir no mundo exterior. *Rasselas* conhece Imlac durante a temporada de chuvas, “que nesses países é periódica” (34)<sup>64</sup>, durante a qual revela o desejo de ser feliz por intermédio de uma *Choice of Life*; simetricamente, no último capítulo, outra inundação possibilita aos personagens comparar e discutir com calma as diversas formas de vida que investigaram.

Além do Nilo, tal como a formiga que é pedagoga do preguiçoso no livro de Provérbios, a natureza exorta em *Rasselas*; a vida é movimento. O príncipe se diverte nos próprios pensamentos dentro do Vale Feliz, imaginando-se fora dele; até que se dá conta do tempo perdido.

---

<sup>62</sup> “The Father of waters begins his course; whose bounty pours down the streams of plenty, and scatters over half the world the harvests of Egypt” (7)

<sup>63</sup> “Answer, great father of waters, thou that rollest thy floods through eighty nations, to the invocations of the daughter of thy native king. Tell me if thou waterest, through all thy course, a single habitation from which thou dost not hear the murmurs of complaint?” (93)

<sup>64</sup> “which in these countries is periodical” (29)

Perdi aquilo que nunca se pode recuperar. Preguiçoso contemplador da luz celeste, vi o sol levantar-se e se pôr durante vinte meses. Nesse tempo os pássaros deixaram os ninhos maternos e se lançaram aos bosques e ao céu; os cabritinhos abandonaram a teta e aprenderam aos poucos a escalar os rochedos em busca do sustento independente. Somente eu não fiz progressos e permaneço indefeso e ignorante. A lua, em mais de vinte mudanças, advertiu-me sobre o fluxo da vida; o regato que corria diante de mim reprovou-me a inércia. Sentado, deleitava-me com o luxo intelectual, ignorando tanto os exemplos da terra como as lições dos planetas. Vinte meses se passaram, quem os pode recuperar? (26)<sup>65</sup>

Neste sentido, conforme Wasserman (1975) chama atenção, a água é utilizada constantemente como metáfora para a vida. “A correnteza da vida” (170); “O mundo que imaginais sereno e calmo como o lago no vale, verificareis ser um mar revolto por tempestades e agitado por [redemoinhos]; Algumas vezes sereis arrastado pelas ondas da violência, algumas vezes atirado contra os rochedos da traição” (55); Não permitais à vida estagnar-se: ela se tornará lamacenta por falta de movimento. Entregai-vos de novo à corrente do mundo” (123)<sup>66</sup>.

O tempo, cuja presença é manifestada pela natureza, também age nas obras humanas. As antigas civilizações por onde perambulam Imlac e a realza – Pérsia, Palestina, Etiópia, Egito – são cheias de ruínas, que advertem acerca das limitações e fragilidades do ser humano. A caravana do árabe que sequestrara Pekuah erra pelos desertos, e, no caminho, ela pode ver “remanescentes de velhas edificações com que essas regiões desertas parecem ter sido, em épocas distantes, profusamente adornadas”. O descendente de Ismael, homem letrado, observa então que

as construções são sempre mais conservadas em lugares pouco habitados e de difícil acesso porque, quando um país declina de seu esplendor original, quanto mais habitantes nele permanecem, mais rapidamente se fará a ruína. Muralhas fornecem pedras mais facilmente

---

<sup>65</sup> “I have lost that which can never be restored: I have seen the sun rise and set for twenty months, an idle gazer on the light of heaven: In this time the birds have left the nest of their mother, and committed themselves to the woods and to the skies: the kid has forsaken the teat, and learned by degrees to climb the rocks in quest of independant sustenance. I only have made no advances, but am still helpless and ignorant. The moon, by more than twenty changes, admonished me of the flux of life; the stream that rolled before my feet upbraided my inactivity. I sat feasting on intellectual luxury, regardless alike of the examples of the earth, and the instructions of the planets. Twenty months are past, who shall restore them!” (19-20)

<sup>66</sup> “The stream of life” (176); “The world, which you figure to yourself smooth and quiet as the lake in the valley, you will find a sea foaming with tempests, and boiling with whirlpools: you will be sometimes overwhelmed by the waves of violence, and sometimes dashed against the rocks of treachery” (56); “Do not suffer life to stagnate; it will grow muddy for want of motion; commit yourself again to the current of the world” (127).

que pedreiras, e palácios e templos são destruídos para que se construam estábulos de granada e casebres de pórfiro (132)<sup>67</sup>.

O tempo transforma glória em utilidade. Mas o tempo também acaba com a beleza na qual alguns confiam (cf. cap. XXV com *Vanity* 317-340); o tempo cristaliza bons e maus hábitos, facilitando a habitação dos cônjuges, ou, depois de reduzir o frêmito da paixão inicial, tornando-a desagradável (cap. XXIX); o tempo faz da história matéria imprescindível, caso se deseje entendimento do ser humano, pois como ensina Imlac,

Para julgar corretamente o presente, precisamos opô-lo ao passado, porque todo juízo é comparativo, e do futuro nada se pode saber...O atual estado de coisas é a consequência do anterior, e é natural indagar quais foram as fontes do bem que usufruímos ou as do mal que sofremos. Se agimos somente por nós mesmos, não é prudente ignorar o estudo da história... (106)<sup>68</sup>

A mera passagem do tempo é capaz de opor a opinião dos cabelos pretos e brancos, “As cores da vida parecem diferentes na juventude e na velhice, tal como a face da natureza na primavera e no inverno” (90)<sup>69</sup>; O tempo é um limite, pois nenhum homem pode provar dos frutos do outono, enquanto se deleita com as flores da primavera (104). Se o corpo se movimenta no espaço-tempo, a alma também sofre sua influência incansável; pinta-se um belo paralelo entre estes dois aspectos quando Pekuah é sequestrada e as emoções dela contrastam com o movimento da caravana:

*O acontecimento foi tão repentino que fiquei paralisada pela surpresa e a princípio mais perplexa do que agitada por qualquer sensação de medo ou dor. Minha confusão aumentou com a velocidade e o tumulto da fuga, ao sermos seguidos pelos turcos... Quando os árabes se viram fora de perigo, abrandaram o passo e eu, à medida que ficava menos atormentada pela violência exterior, fui ficando com a mente mais desassossegada. Depois de algum tempo, paramos numa campina, perto de uma fonte sombreada de árvores...Então comecei a sentir todo o peso de minha desgraça. (128, grifo meu)<sup>70</sup>*

<sup>67</sup> “the remains of ancient edifices with which these deserted countries appear to have been, in some distant age, lavishly embellished”; “buildings are always best preserved in places little frequented, and difficult of access: for, when once a country declines from its primitive splendour, the more inhabitants are left, the quicker ruin will be made. Walls supply stones more easily than quarries, and palaces and temples will be demolished to make stables of granate, and cottages of porphyry” (135-136)

<sup>68</sup> “To judge rightly of the present we must oppose it to the past; for all judgment is comparative, and of the future nothing can be known...The present state of things is the consequence of the former, and it is natural to inquire what were the sources of the good that we enjoy, or of the evil that we suffer. If we act only for ourselves, to neglect the study of history is not prudent...” (112-113).

<sup>69</sup> “The colours of life in youth and age appear different, as the face of nature in spring and winter” (96)

<sup>70</sup> “The suddenness of the event struck me with surprise, and I was at first rather stupified than agitated with any passion of either fear or sorrow. My confusion was increased by the speed and tumult of our flight while we were followed by the Turks... When the Arabs saw themselves out of danger they slackened their course, and, as I was less harrassed by external violence, I began to feel more uneasiness in my mind. After

O tempo ([who] hovers o'er, impatient to destroy, /And shuts up all the passages of joy (*Vanity*, 257-258. cf. 253-316)), como já vimos, ameaça as expectativas da virtude, pois quem pode garantir que a razão envelhecerá bem? Este é o mesmo que cobra a conta do jovem no ancião, para quem cessam os barulhos, a altura provoca temor e os caminhos assustam, o gafanhoto se torna um peso e o desejo não mais desperta (cf. Ec. 12. 1, 4-5, 7-8 com cap. XLV);

Criaturas caídas em pecado, num mundo sujeito à vaidade, mantêm um relacionamento instável com esta dimensão da existência. Rasselas confessa para um idoso mestre o estado de infelicidade em que se acha no Vale Feliz, no qual experimenta dias intermináveis e noites insones (22). O *The Adventurer* No. 102, de 27 de outubro de 1753 (*Yale* 2), é uma contribuição de Johnson com a história de um mercador londrino que passou a desejar ardentemente aposentar-se e viver em relaxamento numa casa de campo. Enfadado e arrependido, ele compara seu sentimento do cotidiano antes e depois:

Nos meus dias felizes de trabalho, costumava levantar cedo, e lembro do tempo quando me incomodava que a noite chegasse tão rápido, me obrigando por algumas horas a fechar a torneira da afluência e prosperidade. Agora, raramente vejo o sol nascer, a não ser para “dizer-lhe”, junto do anjo caído, “como odeio teus raios”. Acordo do sono como que para melancolia e prisão, e não tenho qualquer afazer na primeira hora, a não ser pensar em como me livrar da seguinte (p. 438).<sup>71</sup>

Igualmente, o mesmo Rasselas que reclama não aguentar mais ver o sol se mover tão lentamente para detrás da montanha do ocidente, depois de moldar para si a esperança de encontrar uma forma de escapar do Vale e ver o mundo, é curado – temporariamente – do problema:

Esse primeiro raio de esperança que lhe atingiu a mente reascendeu-lhe a juventude na face e dobrou o brilho dos olhos... considerando-se senhor de uma provisão secreta de felicidade... Assim se passaram vinte meses da vida de Rasselas [...]

Gastou dez meses nessas buscas infrutíferas. *No entanto, o tempo passou alegremente: de manhã levantava-se com esperança*

---

some time we stopped near a spring shaded with trees in a pleasant meadow...Here I first began to feel the full weight of my misery” (131-132)

<sup>71</sup> “In my happy days of business I had been accustomed to rise early in the morning, and remember the time when I grieved that the night came so soon upon me, and obliged me for a few hours to shut out affluence and prosperity. I now seldom see the rising sun, but ‘to tell him,’ with the fallen angel, ‘how I hate his beams.’ I awake from sleep as to languor or imprisonment, and have no employment for the first hour but to consider by what art I shall rid myself of the second”



*renovada, à tardinha aplaudia sua própria diligência, à noite dormia profundamente de cansaço. (23-24, 27, grifo meu)*<sup>72</sup>

Porque a vida é curta e as coisas sob o sol são feitas de tempo, não se deve tentar agarrá-las com as mãos, pois, como água, ou melhor, como vento, escaparão entre os dedos; esta é uma das camadas de significado da dolorosa palavra *hebel*, no discurso do *Qohelet*. Não é assim que ele se expressa no famoso capítulo três? “Tudo tem uma ocasião certa, e há um tempo certo para todo propósito debaixo do céu. Tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou... tempo de abraçar e tempo de deixar de abraçar...” (Ec. 3. 1,2, 5). Sob este mormaço da queda, o mais razoável a se fazer é desfrutar o beijo da brisa enquanto dura, e depois deixá-la seguir caminho (cf. p.ex. Ec. 8.15). Imlac expressa opinião parecida num belo trecho no qual tenta consolar a princesa enlutada pelo sumiço de Pekuah; ela havia decidido abandonar a sociedade por completo, deixar para trás o mundo com todos os enganos e frustrações dele.

O estado de um espírito oprimido por uma calamidade repentina é como o dos habitantes fabulosos da terra recém-criada, que, quando a primeira noite caiu sobre eles, supuseram que o dia jamais voltaria. Quando as nuvens do sofrimento se juntam sobre nós, não vemos nada para além delas, nem podemos imaginar como se dispersarão. No entanto, um novo dia sucede à noite, e o sofrimento nunca é tão longo que não haja uma alvorada de bem-estar. Mas os que se furtam a receber consolo procedem como os selvagens teriam feito se tivessem [arrancado] seus olhos enquanto durava a escuridão. *Nossas mentes, como nossos corpos, estão em fluxo contínuo. A cada hora algo se perde e algo se adquire.* Perder muito de uma vez é inconveniente a ambos, mas enquanto as faculdades vitais permanecerem inatingidas, a natureza encontrará os meios de reparação. *A distância tem o mesmo efeito na mente e nos olhos, e enquanto deslizamos na corrente do tempo, sempre diminui a magnitude do que deixamos para trás, sempre aumenta a daquilo de que nos aproximamos. Não permitais à vida estagnar-se: ela se tornará lamacenta por falta de movimento. Entregai-vos de novo à corrente do mundo. Pekuah irá desaparecendo gradativamente.* Em vosso caminho encontrareis outra favorita ou aprendereis a distrair vossa atenção em outras conversas (123, grifo meu).<sup>73</sup>

<sup>72</sup> This first beam of hope, that had been ever darted into his mind, rekindled youth in his cheeks, and doubled the lustre of his eyes...considering himself as master of a secret stock of happiness... The load of life was much lightened... Thus passed twenty months of the life of Rasselas [...]

In these fruitless searches he spent ten months. The time, however, passed cheerfully away: in the morning he rose with new hope, in the evening applauded his own diligence, and in the night slept sound after his fatigue (17-18; 21).

<sup>73</sup> “The state of a mind oppressed with a sudden calamity,” said Imlac, “is like that of the fabulous inhabitants of the new created earth, who, when the first night came upon them, supposed that day never would return. When the clouds of sorrow gather over us, we see nothing beyond them, nor can imagine how they will be dispelled: yet a new day succeeded to the night, and sorrow is never long without a dawn of ease. But they who restrain themselves from receiving comfort, do as the savages would have done, had

Com efeito, o poeta confia tanto na ação do tempo em dissipar não só o luto, mas amolecer mesmo as resoluções mais firmes, que combina com a princesa o intervalo de um ano sem decisões drásticas. Por mais que Nekayah jure a si mesma jamais esquecer Pekuah, obrigando-se diariamente a pelo menos uma hora de recordações e lágrimas, pouco a pouco torna-se menos escrupulosa com a própria promessa, retornando aos cuidados e prazeres comuns, indignada com esse efeito agridoce. Afinal, o esquecimento de alguém amado é algo bom ou ruim?

“O próprio tempo, tal como modifica imutavelmente a aparência exterior, determina do mesmo modo o curso das paixões” (102)<sup>74</sup>. A frase de Nekayah, dita em outra circunstância, resume essa ação temporal sobre a mente humana (*lato sensu*), e leva-nos a considerar o problema mais pervasivo para os prospectos de retorno imanente ao Edén: o movimento interminável da novidade para o tédio, para o desejo pelo novo, para o tédio, e assim por diante; algo que torna, nas palavras de um erudito no capítulo XXII, o desejar nosso tormento (81). Nesta vida não há repouso; o objeto da felicidade, caso existisse, não deveria ser procurado entre os substantivos, mas entre os verbos.

## 2.1 *Taedium vitae*

Observemos aqui pelo mesmo prisma as cenas já vistas de *Rasselas*, mas como num caleidoscópio, girando levemente o eixo para que nos revele nova perspectiva. No edênico Vale Feliz, um dos propósitos da satisfação de todos os desejos dos príncipes e princesas era “preencher os momentos vazios e diminuir o tédio do tempo”. Na visita anual do imperador, na qual vários artífices do prazer se digladiavam para tornarem-se moradores do lugar, o critério para decidir os vencedores era simples: “aqueles cujo desempenho se acreditasse capaz de somar novidade ao luxo”. Dos que logravam admissão nos é dito “aqueles para quem era uma novidade desejavam que se perpetuasse”,

---

they put out their eyes when it was dark. Our minds, like our bodies, are in continual flux; something is hourly lost, and something acquired. To lose much at once is inconvenient to either, but while the vital powers remain uninjured, nature will find the means of reparation. Distance has the same effect on the mind as on the eye, and while we glide along the stream of time, whatever we leave behind us is always lessening, and that which we approach increasing in magnitude. Do not suffer life to stagnate; it will grow muddy for want of motion: commit yourself again to the current of the world; Pekuah will vanish by degrees; you will meet in your way some other favourite, or learn to diffuse yourself in general conversation” (126-127)

<sup>74</sup> “Time itself, as it modifies unchangeably the external mien, determines likewise the direction of the passions” (108)

mas o narrador adiciona uma nota suspeita, como os que entravam não mais podiam sair, “jamais se conhecia o efeito de uma experiência mais prolongada” (16).<sup>75</sup>

Porém, para os leitores que espiam aquele lugar de segurança, calma e satisfação de todos os desejos, o efeito da longa experiência é revelado. Uma rachadura aparece no perfeito mosaico, o príncipe Rasselas não está feliz, e passa a fugir das comidas suntuosas, das bebidas brilhantes, das canções animadas, e da companhia dos outros. Ele observa os animais do campo alimentando-se de capim ou deitados sob os arbustos.

O que, perguntava-se, há de diferente entre o homem e o resto dos animais? Todo animal que vagueia perto de mim tem as mesmas necessidades corporais que eu tenho: tem fome e mordisca a grama, tem sede e bebe a água dos regatos. Sua fome e sua sede se aplacam, ele se satisfaz e dorme. Torna a levantar-se e tem fome, outra vez se alimenta e repousa. *Tenho fome e sede como ele, mas, quando cessam a fome e a sede, não repousa. Como ele, sofro pela necessidade, mas, diferente dele, a plenitude não me satisfaz. As horas intermediárias são cheias de tédio e melancolia. Desejo outra vez ter fome para poder reanimar meu espírito.* Os pássaros bicam as frutinhas ou o milho e voam para o arvoredo em cujos galhos pousam em aparente felicidade e gastam a vida entoando uma série invariável de sons. *Da mesma forma posso chamar o tocador de alaúde e o cantor, mas os sons que ontem me agradavam hoje me aborrecem e se tornarão ainda mais enfadonhos amanhã.* Dentro de mim não consigo descobrir nenhum poder de percepção cuja satisfação não esteja a meu alcance e, no entanto, não me sinto satisfeito. *Certamente o homem tem algum sentido latente, ao qual este lugar não corresponde, ou tem alguns desejos que não provêm dos sentidos e que precisam ser contemplados para que seja feliz [...] tenho muitas aflições de que sois livres [animais]: temo a dor quando não a sinto, às vezes me contraio ao me lembrar de males passados, às vezes estremeço ao prever males futuros. Certamente a justiça da providência pôs em equilíbrio sofrimentos específicos e prazeres específicos. (19-20, grifo meu)*<sup>76</sup>

<sup>75</sup> “[to] fill up the vacancies of attention, and lessen the tediousness of time” ; “[those] whose performance was thought able to add novelty to luxury” ; “to whom it was new always desired that it might be perpetual...[but] the effect of longer experience could not be known” (10).

<sup>76</sup> “What,” said he, “makes the difference between man and all the rest of the animal creation? Every beast that strays beside me has the same corporal necessities with myself; he is hungry and crops the grass, he is thirsty and drinks the stream, his thirst and hunger are appeased, he is satisfied and sleeps; he rises again and is hungry, he is again fed and is at rest. I am hungry and thirsty like him, but when thirst and hunger cease I am not at rest; I am, like him, pained with want, but am not, like him, satisfied with fulness. The intermediate hours are tedious and gloomy; I long again to be hungry that I may again quicken my attention. The birds peck the berries or the corn, and fly away to the groves where they sit in seeming happiness on the branches, and waste their lives in tuning one unvaried series of sounds. I likewise can call the lutanist and the singer, but the sounds that pleased me yesterday weary me to day, and will grow yet more wearisome to morrow. I can discover within me no power of perception which is not glutted with its proper pleasure, yet I do not feel myself delighted. Man has surely some latent sense for which this place affords no gratification, or he has some desires distinct from sense which must be satisfied before he can be happy [...] I have many distresses from which ye [animals] are free; I fear pain when I do not feel it; I sometimes

Aquela anomalia levanta as grossas sobrancelhas de um dos sábios do Vale, o qual tornou-se estorvo para Rasselas, *pois suas lições só agradavam quando eram novas*; por respeito, o príncipe lhe dá satisfação com todo poder poético da angústia, “Fujo do prazer porque o prazer deixou de ser [aprazível]”<sup>77</sup>. Mas esta não é uma angústia comum, as causas são desconhecidas. “Se não há nada que [desejais], como sois infeliz?”<sup>78</sup>, questiona o ancião formalista, perplexo. “A causa de minha queixa é não [desejar] nada ou não conhecer aquilo que [desejo]. Se tivesse alguma [vontade] conhecida, teria um determinado desejo. Este desejo provocaria esforço...” Mas Rasselas arrisca um diagnóstico e um antídoto (sugeridos pela natureza!):

Quando vejo os cabritinhos e os cordeiros correndo uns atrás dos outros, imagino que seria feliz se tivesse algo a perseguir. Mas, possuindo tudo aquilo que [quero], acho cada dia e cada hora exatamente iguais aos outros, *exceto pelo fato de os últimos serem ainda mais tediosos que os anteriores*. Que vossa experiência me ensine como o dia agora poderia parecer tão curto como na minha infância, *quando a natureza ainda era uma novidade e cada instante me mostrava o que jamais observara antes*. Já usufruí demais. Dai-me algo para desejar. (21-22, grifo meu)<sup>79</sup>

O sábio então oferece um conselho que, ironicamente, produz o efeito contrário; ele diz que se o jovem pudesse ver o mundo e toda a miséria que contém, ficaria satisfeito com o que possui. “Agora me destes alguma coisa para desejar, disse o príncipe, ansiarei por ver as misérias do mundo, já que as ver é necessário à felicidade” (22)<sup>80</sup>. A trama é posta em movimento; Rasselas é iluminado pelos raios da esperança; as engrenagens do tempo desenferujam; talvez a jornada, e a autonomia da escolha, contenham o segredo da vida feliz. Mas esta não é a história de alguém que sonha com a liberdade, luta contra

---

shrink at evils recollected, and sometimes start at evils anticipated: surely the equity of providence has ballanced peculiar sufferings with peculiar enjoyments.” (13-14)

<sup>77</sup> “I fly from pleasure because pleasure has ceased to please” (15).

<sup>78</sup> “Aquele que é feliz deve possuir plenamente tudo que deseja, deve ser semelhante a pessoa que se encheu – não tem fome, nem sede.” *Discursos de Epíteto*, citado em *Happiness*, p. 57.

<sup>79</sup> “If you want nothing, how are you unhappy?”

“That I want nothing,” said the prince, “or that I know not what I want, is the cause of my complaint; if I had any known want, I should have a certain wish; that wish would excite endeavour [...]” “When I see the kids and the lambs chasing one another, I fancy that I should be happy if I had something to pursue. But, possessing all that I can want, I find one day and one hour exactly like another, except *that the latter is still more tedious than the former*. Let your experience inform me how the day may now seem as short as in my childhood, while nature was yet fresh, and every moment shewed me what I never had observed before. I have already enjoyed too much; give me something to desire.” (15-16).

<sup>80</sup> “Now,” said the prince, “you have given me something to desire; I shall long to see the miseries of the world, since the sight of them is necessary to happiness” (16)

as tradições retrogradadas de seus pais e tem um final feliz; a liberdade, de forma surpreendente para o século, não é a resposta.<sup>81</sup> Esta história, na verdade, começa por um agouro:

Vós que escutais com credulidade os sussurros da fantasia e perseguis com ansiedade os fantasmas da esperança, que esperais que a velhice cumpra as promessas da juventude e que as deficiências do presente sejam supridas pelo amanhã — prestai atenção à história de Rasselas, príncipe da Abissínia. (14)<sup>82</sup>

Imlac, descobrimos a partir do capítulo VII, muitos anos antes de se candidatar para morar no Vale Feliz, deixara a terra natal para seguir o sonho de felicidade em observar o mundo e adquirir conhecimento. Os conselhos dele, como já foi dito, em contraste aos do Gênio que indica o caminho para quem adentra a vida na *Picture*, são duros e pessimistas, como os do *Qohelet*, que experimentou as coisas da terra até as últimas gotas. Na cena de fuga do Vale, enquanto o príncipe mesmerizado observa o largo horizonte, os sentimentos do poeta nos são descortinados: “embora muito alegre com a fuga, tinha menos expectativas de prazer no mundo, que já experimentara e de que se enfadara” (60)<sup>83</sup>. Em breve, Rasselas será Imlac. Prestemos atenção a alguns detalhes da narrativa de sua vida para o príncipe, pois de novo e de novo, ela nos confirma aquilo para que as pistas nos apontam até aqui na seção: o ciclo do tédio. “Por essa época, já tinha aprendido, com mestres diferentes, toda a literatura de meu país natal. Como cada hora me ensinava alguma coisa nova, vivia num fluxo contínuo de contentamentos”; “Bastava-me saber que aonde quer que fosse, veria um país [que ainda não vira antes] (39)”<sup>84</sup>.

Ao entrar no mundo das águas e perder de vista a terra, olhei ao redor com um terror agradável e, considerando a minha alma

<sup>81</sup> Certa vez, Samuel Johnson disse o seguinte para Boswell: “The notion of liberty amuses the people of England, and helps to keep off the *tædium vitæ*” (*Life*, 1.394).

<sup>82</sup> “Ye who listen with credulity to the whispers of fancy, and pursue with eagerness the phantoms of hope; who expect that age will perform the promises of youth, and that the deficiencies of the present day will be supplied by the morrow; attend to the history of Rasselas prince of Abissinia” (7); Cf. *Vanity 1-10*: “LET observation with extensive view,/Survey mankind, from China to Peru;/Remark each anxious toil, each eager strife./And watch the busy scenes of crowded life;/Then say how hope and fear, desire and hate./O’erspread with snares the clouded maze of fate./Where wav’ring man, betray’d by vent’rous pride,/To tread the dreary paths without a guide;/As treach’rous phantoms in the mist delude,/ Shuns fancied ills, or chases airy good.”

<sup>83</sup> “...though very joyful at his escape, had less expectation of pleasure in the world, which he had before tried, and of which he had been weary” (60)

<sup>84</sup> “I had been instructed, by successive masters, in all the literature of my native country. As every hour taught me something new, I lived in a continual course of gratifications”; “it was sufficient for me that, wherever I wandered, I should see a country which I had not seen before” (33-35).

engrandecida pela perspectiva ilimitada, imaginei poder fitar para sempre, sem saciar-me, o que estava à minha volta. *Mas logo fiquei cansado de contemplar aquela uniformidade estéril, onde só podia tornar a ver o que já vira antes.* Desci então para o interior do navio e por algum tempo me perguntei se todos os meus prazeres futuros não terminariam assim, em enfado e decepção. E, no entanto, disse eu, decerto o oceano e a terra são muito diferentes: a única variedade da água é o repouso e o movimento, mas a Terra tem montanhas e vales, desertos e cidades; é habitada por homens de costumes distintos e opiniões contrárias entre si. *E posso ter esperança de encontrar variedade na vida, embora dela sinta falta na natureza.* (40, grifo meu)<sup>85</sup>

Anteriormente, comparei o descontentamento do príncipe com uma rachadura num belo mosaico, mas melhor teria sido utilizar a metáfora da represa e da peste. Por meio de Rasselas, muitas águas vêm abaixo; ele não foi o paciente zero; a epidemia ao redor já era forte, e crescia a cada nova visita o Imperador.

Nobre príncipe, disse Imlac, direi a verdade, não conheço nenhum de vossos servos que não lamente o momento em que foi admitido a este retiro... [eles] são corroídos por paixões malsãs, ou jazem estupidamente na [melancolia] da ociosidade perpétua... Os convites com que atraem outros para uma situação que sabem odiosa provêm da malignidade natural da desgraça desesperançada. *Estão fartos de si mesmos e dos outros e esperam encontrar alívio em novos companheiros.* Invejiam a liberdade que sua insensatez os fez perder e alegremente veriam toda a humanidade prisioneira como eles (54-55, grifo meu)<sup>86</sup>.

Mas de forma alguma o Vale Feliz é o responsável por essa doença; na verdade, onde existem seres humanos ela se faz presente. No Cairo, o príncipe se lamenta por ver as festanças e assembleias da noite; aparentemente, há plenitude de felicidade no mundo, e uma *Choice of Life* nem parece ser necessária, pois todos os caminhos levam a ela; porque só ele está triste, inquieto? “Vivo em meio a multidões de jovialidade, não tanto

---

<sup>85</sup> “When I first entered upon the world of waters, and lost sight of land, I looked round about me with pleasing terrour, and thinking my soul enlarged by the boundless prospect, imagined that I could gaze round for ever without satiety; but, in a short time, I grew weary of looking on barren uniformity, where I could only see again what I had already seen. I then descended into the ship, and doubted for a while whether all my future pleasures would not end like this in disgust and disappointment. ‘Yet, surely,’ said I, ‘the ocean and the land are very different; the only variety of water is rest and motion, but the earth has mountains and vallies, desarts and cities: it is inhabited by men of different customs and contrary opinions; and I may hope to find variety in life, though I should miss it in nature’ (35).

<sup>86</sup> “Great prince,” said Imlac, “I shall speak the truth: I know not one of all your attendants who does not lament the hour when he entered this retreat... [they] are either corroded by malignant passions, or sit stupid in the gloom of perpetual vacancy... The invitations, by which they allure others to a state which they feel to be wretched, proceed from the natural malignity of hopeless misery. They are weary of themselves, and of each other, and expect to find relief in new companions. They envy the liberty which their folly has forfeited, and would gladly see all mankind imprisoned like themselves” (54-55)

para aproveitar-lhes a companhia, mas para evitar a solidão, sou ruidoso e alegre só para esconder minha tristeza”.

Na reunião em que estivestes a noite passada, [disse Imlac], parecia haver muita leveza no ar e frivolidade nos caprichos, próprias apenas a seres superiores, feitos para habitar regiões mais serenas, inacessíveis à preocupação ou ao sofrimento. No entanto, acreditai em mim, príncipe: não havia ali ninguém que não temesse o momento em que a solidão o entregasse à tirania da reflexão. (66-67)<sup>87</sup>

Estas observações sobre o que há sob as aparências do tecido da sociedade era um dos temas favoritos de Pascal. Eis alguns poucos exemplos: “A condição do homem: inconstância, tédio, ansiedade” (P.24); “Se nossa condição fosse realmente feliz, não precisaríamos nos divertir para não pensar nela” (P.70); “Diversão: Sendo incapaz de curar a morte, a miséria e a ignorância, os homens decidiram, para serem felizes, não pensar nessas coisas” (P.133); e talvez o mais famoso: “Geralmente digo que a única causa da infelicidade do homem é que ele não sabe como ficar quieto em seu quarto” (P.136). Johnson, leitor do matemático francês, concorda, e escreve assim no *The Adventurer* 120, de 29 de dezembro de 1753: “O mundo, em seu melhor estado, nada mais é do que uma grande reunião de seres, combinando fingir uma felicidade que não sentem, empregando cada artifício para enfeitar a vida, e esconder a real condição um dos olhos dos outros” (*Yale* 2, p.468)<sup>88</sup>.

Enquanto isso, os exemplos se multiplicam em *Rasselas*; uma das razões porque o conhecimento provoca prazer e felicidade é que, por meio dele, a mente aumenta o número de novas ideias, enquanto a ignorância consiste num vácuo (49)<sup>89</sup>; os prazeres

---

<sup>87</sup> “I live in the crowds of jollity, not so much to enjoy company as to shun myself, and am only loud and merry to conceal my sadness.”

“In the assembly”, [said Imlac], “where you passed the last night, there appeared such spriteliness of air, and volatility of fancy, as might have suited beings of an higher order, formed to inhabit serener regions inaccessible to care or sorrow: yet, believe me, prince, there was not one who did not dread the moment when solitude should deliver him to the tyranny of reflection.” (65-66)

<sup>88</sup> “The world, in its best state, is nothing more than a larger assembly of beings, combining to counterfeit happiness which they do not feel, employing every art and contrivance to embellish life, and to hide their real condition from the eyes of one another.”

<sup>89</sup> Boswell registra Johnson elogiando o *Spectator* 626 “[as] one of the finest pieces in the English language” (*Life*, 3.33). Escrito por um Henry Grove em 1714 o tema é a novidade, e vários trechos assemelham-se a questões desenvolvidas em *Rasselas*:

“In every Species of Creatures, those who have been least Time in the World, appear best pleased with their Condition: For, besides that to a new Comer the World hath a Freshness on it that strikes the Sense after a most agreeable Manner, Being it self, unattended with any great Variety of Enjoyments, excites a Sensation of Pleasure. But as Age advances, every thing seems to wither, the Senses are disgusted with their old Entertainments, and Existence turns flat and insipid.... the longer we have been in Possession

meramente sensíveis dos jovens tolos provocam nojo e cansaço no príncipe (cap. XVII); o eremita conta que, quando trocou a vida da cidade pelo isolamento, sentiu-se como um marinheiro experiente nas tempestades atracando num porto de águas calmas; mas, com o tempo, aquilo perdeu a novidade, e ele está entediado, decidido a retornar para a sociedade (cap. XXI); o erudito no capítulo XXII avalia que se o eremita viver mais tempo, desejará retornar para o isolamento e assim por diante (80); o solteiro passa cada hora do dia planejando como se livrar da próxima, e um dos erros principais dos casais está em não pensar que brevemente os arrebatamentos da paixão jovial serão substituídos pela repetições do cotidiano (cap. XXV, XXVI, XXVII-XXIX)<sup>90</sup>; o harém do árabe é pleno de belas mulheres, mas Pekuah observa que “Quaisquer que fossem os prazeres que ele tivesse com elas, não eram os da amizade nem os do convívio... Como não tinham nenhum saber, sua conversa não contribuía em nada para diminuir o tédio da vida” (137)<sup>91</sup>; em contraste com a criança, para quem tudo é novo, o velho de um dos capítulos finais diz, “O mundo perdeu a novidade para mim. Olho ao redor e vejo o que me lembro de ter visto em tempos mais felizes” (153).<sup>92</sup>

---

of Being, the less sensible is the Gust we have of it; and the more it requires of adventitious Amusements to relieve us from the Satiety and Weariness it brings along with it.

But I think it hath not been so commonly remarked, that all the other Passions depend considerably on the same Circumstance. What is it but Novelty that awakens Desires, enhances Delight, kindles Anger, provokes Envy, inspires Horror?...

Our being thus formed serves many useful Purposes in the present State. It contributes not a little to the Advancement of Learning; for, as Cicero takes Notice, That which makes Men willing to undergo the Fatigues of Philosophical Disquisitions, is not so much the Greatness of Objects as their Novelty... It is with Knowledge as with Wealth, the Pleasure of which lies more in making endless Additions, than in taking a Review of our old Store...

To add no more, Is not this Fondness for Novelty, which makes us out of Conceit with all we already have, a convincing Proof of a future State?... His Pleasures, and those not considerable neither, die in the Possession, and fresh Enjoyments do not rise fast enough to fill up half his Life with Satisfaction. When I see Persons sick of themselves any longer than they are called away by something that is of Force to chain down the present Thought; when I see them hurry from Country to Town, and then from the Town back again into the Country, continually shifting Postures, and placing Life in all the different Lights they can think of; Surely, say I to my self, Life is vain, and the Man beyond Expression stupid or prejudic'd, who from the Vanity of Life cannot gather, He is designed for Immortality.”

O texto pode ser encontrado na integra em: <https://www.gutenberg.org/files/12030/12030-h/12030-h.htm>  
Acesso em: 10 de Ago. 2022

<sup>90</sup> O Amor pode ser apenas desocupação: “Many [of the girls Nekayah investigated] were in love with triflers like themselves, and many *fancied that they were in love when in truth they were only idle*. Their affection was seldom fixed on sense or virtue, and therefore seldom ended but in vexation” (92)

<sup>91</sup> “Whatever pleasures he might find among them, they were not those of friendship or society... As they had no knowledge, their talk could take nothing from the tediousness of life...” (140).

<sup>92</sup> “To me the world has lost its novelty: I look round, and see what I remember to have seen in happier days” (155). Ver na integra o *The Adventurer No. 102*, já citado anteriormente, que narra a história do entediado mercador londrino (*Yale 2*).



De posse destas pistas podemos resumir o ciclo do tédio, a mosca no chá ralo da ideia de uma *Choice of Life*, da seguinte forma: (1) deseja-se algo, conspicuamente, uma forma de vida distinta da que se tem (mas entre parênteses nesse primeiro desejo há outro, a ânsia por novidade) → (2) a busca pelo objeto de desejo, auxiliada pela imaginação e esperança de que a felicidade há de ser encontrada na posse dele, produz entusiasmo, quebra do torpor da desocupação → (3) Obtido, por um tempo a nova vida traz alegria (mas logo perde a novidade e torna-se tediosa) → (4) Imagina-se que mudar para o próximo objeto, ou forma de vida, entregará o que esta não entregou → (1) deseja-se algo...

É claro que Johnson provavelmente torceria o nariz para o uso de setas e números na análise de um fenômeno humano, tanto quanto torceu para o que considerava quimeras simplificadas de felicidade secular; mas não tenho qualquer pretensão aqui além de oferecer um esboço. Imlac confirma que esta é uma forma razoável de pensar: “Leva muito tempo para descobrirmos que jamais se pode encontrar a felicidade, e todos creem que os outros a possuem, para manterem viva a esperança de que um dia a alcançarão” (67)<sup>93</sup>. O diálogo inicial do capítulo XLVII é ainda mais explícito neste sentido. Rasselas adentra a sala onde o astrônomo e o poeta conversam, e questiona se já haviam planejado alguma diversão para o dia seguinte;

Tal é a condição da vida, disse Nekayah, que só se está feliz pela expectativa de mudança: a mudança em si não é nada. Quando a realizamos, o próximo desejo é mudar de novo. O mundo ainda não se esgotou; que eu veja amanhã algo que nunca vi antes.

A variedade é tão necessária ao contentamento, disse Rasselas, que até o vale feliz me enjoava pela repetição de seus luxos (161)<sup>94</sup>.

O argumento torna-se ainda mais substancial caso se considere o que escreve Johnson em seu *Lives of the Poets* (1779 (Yale 21, p.218)); em “Butler”, diz: “A maior fonte de prazer

---

<sup>93</sup> “We are long before we are convinced that happiness is never to be found, and each believes it possessed by others, to keep alive the hope of obtaining it for himself” (66).

<sup>94</sup> “Such,” said Nekayah, “is the state of life, that none are happy but by the anticipation of change: the change itself is nothing; when we have made it, the next wish is to change again. The world is not yet exhausted; let me see something to morrow which I never saw before”.

“Variety,” said Rasselas, “is so necessary to content, that even the Happy Valley disgusted me by the recurrence of its luxuries...” (164)

é a variedade. A uniformidade sempre se tornará um enfado, ainda que seja uniformidade de excelência”<sup>95</sup>.

O filho de Davi começa seu discurso de modo semelhante:

Que vantagem tem o homem em todo o seu trabalho, em que tanto se esforça debaixo do sol? Gerações vem, gerações vão, mas a terra permanece a mesma. O sol nasce, o sol se põe e se apressa em voltar ao lugar de onde nasce novamente. O vento sopra para o sul, depois vira para o norte; dá voltas e mais voltas e acaba no seu ponto de partida. Todos os rios vão para o mar, e mesmo assim o mar nunca se enche; ainda que sempre corram para lá, tornam a correr para lá. Todas as coisas resultam em cansaça; ninguém consegue explicá-las. Os olhos não se cansam de ver, nem os ouvidos de ouvir. O que foi será, e o que se fez, se fara novamente; não há nada novo debaixo do sol. Será que existe alguma coisa da qual se possa dizer: Vê! Isto é novo? Não! Já existiu em épocas anteriores à nossa. Já não há lembrança das gerações passadas; nem haverá lembrança das gerações futuras entre os que virão depois delas” (Ec. 1. 4-10).

Na natureza e na sociedade: repetições sem fim. Como o mar não se enche ainda que todos os rios corram para lá, nem a sepultura, ainda que abra a boca para milhares de corpos diariamente (Provérbios 27.20), o apetite humano nunca se satisfaz, e o coração está inquieto. Somado ao elemento bíblico do tédio, Johnson provavelmente fazia referência a outras autoridades quanto a esta percepção do descontentamento. Por exemplo, Ausônio Magno, poeta romano do século IV, o qual o autor de *Rasselas* cita pelo menos uma vez nas suas redações para o *The Rambler* (No. 39, *Yale* 3), usa um Epigrama Grego antigo - reunido posteriormente na *Antologia Palatina*<sup>96</sup> (IX. 359, atribuído a um certo Possidipo), e popular no século XVIII por meio da *Greek Anthology* – para escrever um trecho de suas *Éclogas*:

<sup>95</sup> “The great source of pleasure is variety. Uniformity must tire at last, though it be uniformity of excellence”. Boswell narra o seguinte: “When I in a low-spirited fit, was talking to him with indifference of the pursuits which generally engage us in a course of action, and inquiring a *reason* for taking so much trouble; 'Sir (said he, in an animated tone) it is driving on the system of life” (*Life*, 4. 112).

<sup>96</sup> Composta por Constantino Céfalas no século X, a *Antologia Palatina* (nome que vem do manuscrito único encontrado da Biblioteca Palatina em Heidelberg) é uma coleção de poemas, sobretudo epigramas, tomados, como fontes principais, de outras três antologias de diferentes épocas: (1) *Estefano*, ou *coroa*, de Méleagre, do começo do primeiro século a.C; (2) *Estefano*, de Filipe de Tessalônica, provavelmente criada no reinado de Augusto; (3) *O Ciclo de Agátias*, da era de Justiniano. *The Greek Anthology* é composta por quinze livros da *Antologia Palatina*, e um décimo sexto de poemas advindos de outra versão do manuscrito de Céfalas, compilados por Maximus Planudes no século XIV, a *Antologia Planudiana*. Só no *The Rambler* são quinze citações a esta obra, curiosamente oito a mais do que a Bíblia

Do Grego. Uma reflexão Pitagórica sobre a dificuldade de se escolher a própria sorte na vida [*Ex Graeco Pythagoricum de ambiguitate eligendae vitae*].

Que caminho na vida devo buscar? As cortes estão cheias de tumulto; o lar, cheio de problemas... a vida de solteiro tem seus defeitos amargos, ainda mais amarga é a vigilância fútil do marido ciumento... cada estágio da vida tem seus problemas, e ninguém está contente com a própria idade... desejos conflitantes sempre incomodam e distraem nossos corações, nem basta para um homem que seus anseios se tornem realidade; pois o que um dia ele quis ter, agora rejeita... todos os caminhos te confrontam com situações desfavoráveis. (Livro vii, II)<sup>97</sup>

Horácio também indaga:

Como pode, Mecenas, que ninguém viva contente com a própria condição, tenha sido esta indicada pela razão, ou forçada pela fortuna, mas sempre fica louvando os que buscaram outras coisas? ‘Felizes comerciantes!’, diz o soldado, oprimido pelos anos, e agora de quadris quebrados pelo excesso de trabalho. Por outro lado, o comerciante, quando os ventos do sul sacodem o barco dele, diz ‘a guerra é preferível’ ... o advogado louva o camponês... os que são forçados a comparecer à cidade, dizem: ‘Felizes são os que vivem na cidade’. (Sat. I. 1-15)<sup>98</sup>

Postas estas premissas desafiadoras e dolorosas para a *hubris* humana – as inconsistências, os limites espaciotemporais, e acima de tudo o tédio e inquietude do desejo – não à toa que em contraste, por exemplo, ao homem coroado pela felicidade na fábula do tebano na jornada de trezentos e sessenta graus, e ao outro livro representativo de Fielding, *Joseph Andrews* (1742), no qual o último capítulo é intitulado *In which this true history is brought to a happy conclusion*, *Rasselas* termine com *The conclusion, in which nothing is concluded*. O príncipe e seus companheiros retornam para a Abissínia, mas ainda sem saber como viver felizes debaixo do sol.

## 2.2 Choice of Eternity

<sup>97</sup> Do inglês de WHITE. H.G.E (Ed). *Ausonius*. With An English Translation. vol. 1. London: William Heinemann Ltd. 1919-21; uma tradução da *Antologia Palatina* pode ser encontrada em: PATON. W.R (Ed). *The Greek Anthology*. With an English Translation. 5vol. London: William Heinemann Ltd. 1915. Cf. esp. vol. 3, Livro IX, Epigramas 359 e 360 e *The Adventurer* No. 107

<sup>98</sup> Traduzido do Inglês de: CHASE, R. H. (Ed.). *The Works of Horace*. [S. l.]: Harper & Brothers, 1863(Harper’s new classical library).

Há algo torto em meio a toda as outras coisas tortas que perturba profundamente o *Qohelet*. Ao considerar que a sabedoria é melhor que a tolice, ele adiciona uma nota tocante:

Os olhos do sábio o dirigem, mas o tolo anda na escuridão. Porém percebi que o destino de ambos é o mesmo. Por isso, pensei: O que acontece ao tolo também acontecerá a mim. Por que então busquei tanto a sabedoria? Então eu disse a mim mesmo: Isso também é absurdo! Nem o sábio nem o tolo serão lembrados para sempre, pois tudo será esquecido nos dias futuros. Assim como morre o sábio, morrerá também o tolo!

Continua:

Por isso, detestei a vida, pois tudo o que se faz debaixo do sol é cansativo para mim. Tudo é ilusão, é perseguir o vento. Também detestei todas as coisas que me havia esforçado por fazer debaixo do sol, visto que tenho de deixá-las para quem me suceder. E quem sabe se ele será sábio ou tolo? No entanto, ele se apoderará de tudo o que fiz com tanto esforço e de tudo o que realizei com a minha sabedoria debaixo do sol. Isso também é absurdo! Por isso, entreguei o coração ao desespero, por causa de todo trabalho com que me esforcei debaixo do sol. (Ec. 2. 14-20)

Um homem e uma mulher escolhem o caminho da virtude, mas ambos encontrarão o tolo vicioso sob a areia do túmulo; o rei se afadiga por ser justo, e o pai por acumular riqueza com prudência e frugalidade, mas o dia da morte chega para eles, e quem garante que o filho não usará a coroa para opressão, e a riqueza para uma vida de prazeres fúteis? Rasselas se compara aos animais e percebe diferenças claras, os prazeres e as aflições deles não são as do ser humano; a criação bruta não se entedia; caso as necessidades básicas sejam aplacadas, ficam contentes; são simples, a atenção está posta no agora, não ouvem os sussurros da imaginação, nem os fantasmas da esperança, não estão ansiosos por escolher um caminho a seguir na vida. O *Qohelet* se compara aos animais e percebe uma semelhança tormentosa:

O que acontece com os homens é o mesmo que acontece com os animais; a mesma coisa acontece para ambos. Assim como um morre, morre também o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida. O homem não tem vantagem sobre os animais. Tudo é ilusão. Todos vão para o mesmo lugar; todos são pó e todos retornarão ao pó (3.19-20).

O idoso se revela à realeza: “Lanço os olhos para o alto, fixo-os na mudança da lua e medito com pesar sobre as adversidades da vida. Não me deleito muito com a verdade da natureza, pois o que hei de fazer com estas coisas que em breve hei de deixar?”

(152)<sup>99</sup>. A vida prolongada dele o fez ver a morte soprando o vento da rivalidade que tinha com os adversários, a alegria com os amigos, e a cumplicidade da esposa. Aplausos não mais importam, e mesmo as ameaças perdem potencial de intimidação: “há muito pouco que temer da maldade dos homens e menos ainda a ser esperado de sua afeição ou estima” (152)<sup>100</sup>. “Os mortos não sabem de nada; não haverá recompensa para eles e não se tem mais lembrança deles. O amor, o ódio e a inveja deles já desapareceram; nunca mais terão parte alguma no que se faz debaixo do sol... Na sepultura para onde vais, não há trabalho, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria” (Ec. 9. 5-6, 10). Assim, que os vivos reflitam sobre isso: “Melhor é ir à casa onde há luto do que à casa onde há banquete; pois a morte é o fim de todos os homens” (7.2). Samuel Johnson escreve o seguinte num dos seus sermões:

Há pelo menos uma consideração amarga na vida daquela cuja felicidade está posta no estado presente...da qual, imagina-se, não seja possível fugir nem mesmo nos redemoinhos do prazer, nem nos tumultos da ocupação...*um dia ele morrerá...um dia será apanhado por uma força irresistível e inescapável*. Ele não pode deixar de pensar, ao avaliar suas aquisições, ou contar os seguidores, que ‘está noite te pedirão tua alma’ [Lucas. 12.20], e que ele aplaudiu a si mesmo por obter aquilo que não pode garantir a posse, cuja felicidade comunicada enquanto dura é ainda de pouco valor, porque, com efeito, muito curta. (Sermon 14, *Yale* 14, p.152-153, grifo meu)<sup>101</sup>

No lúgubre ambiente das catacumbas, ladeados por fileiras de corpos, decorre uma das últimas cenas de *Rasselas*; o príncipe promove uma dura reflexão: “Estes que jazem aqui estendidos à nossa frente, os sábios e os poderosos dos tempos antigos, advertem-nos a nos lembrarmos de que a vida é curta. *Talvez tenham sido apanhados quando se ocupavam, como nós, com a escolha de vida*” (169, grifo meu)<sup>102</sup>.

<sup>99</sup> “I cast my eyes upwards, fix them on the changing moon, and think with pain on the vicissitudes of life. I have ceased to take much delight in physical truth; for what have I to do with those things which I am soon to leave?” (155)

<sup>100</sup> “there is little to be feared from the malevolence of men, and yet less to be hoped from their affection or esteem” (156)

<sup>101</sup> “There is at least one consideration, which must imbitter the life of him, who places his happiness in his present state...and which it might be imagined not always possible to avoid in the most rapid whirl of pleasure, or the most incessant tumults of employment.... he must one day die...they must soon be taken away by a force, not to be resisted or escaped. He cannot but sometimes think, when he surveys his acquisitions, or counts his followers, ‘that this night his soul may be required of him,’ and that he had applauded himself for the attainment of that which he cannot hope to keep long, and which, if it could make him happy while he enjoys it, is yet of very little value, because the enjoyment must be very short.”

<sup>102</sup> “Those that lie here stretched before us, the wise and the powerful of antient times, warn us to remember the shortness of our present state: they were, perhaps, snatched away while they were busy, like us, in the choice of life” (174)

A imaginação (como vimos no esboço do ciclo do tédio) é responsável por manter o prospecto de felicidade sempre à vista, criando constantemente imagens que não se encaixam na arquitetura metafísica do mundo caído. No reino da mente (que as vezes se ocupa também de males que não existem), não só o clima se submete ao poder de um homem, mas a virtude é sempre recompensada e o vício punido, as pessoas são boas e agem conforme a razão, o tédio não é um problema, e a grama do vizinho é sempre mais verde; se simplesmente pudéssemos ter a vida que ele tem, seríamos felizes como ele é.

Muitos desfrutam de seus momentos mais felizes quando estão a sós, abandonados à própria imaginação, a qual às vezes põe cetros na mão ou mitras na cabeça; cambia a cena de prazer com interminável variedade, e brilha todas as formas de beleza diante de si, enchendo-se de toda sorte de mudança de luxo visionário.

Neste estado de quase sonambulismo, *é fácil reunir todas as possibilidades de felicidade, alterar o curso do sol, trazer de volta o passado, antecipar o futuro, unir as belezas das estações, e as bençãos dos diferentes climas, receber e conceder alegria, e esquecer que a miséria é a porção do homem.* (*The Idler* No. 32, *Yale* 2, p. 101, grifo meu)<sup>103</sup>

Esta faculdade humana concerta para si o que há de torto, e neste sentido cria uma pirâmide para a morte. Imlac diz à realeza que, se querem entender do homem, não podem negligenciar uma visita a estes monumentos da antiguidade, pertos dos quais as maravilhas da Europa empalidecem. “Para conhecer qualquer coisa é preciso conhecermos seus efeitos. Para ver os homens, precisamos ver suas obras, de tal modo que possamos aprender o que foi ditado pela razão ou incitado pela paixão e descobrir quais são os mais poderosos motivos de [agência]” (106)<sup>104</sup>. Como outras ruínas, as pirâmides ensinam, mas se aquelas dão testemunho da fragilidade, estas, aparentemente, do desejo de prolongamento temporal. Monumentos da glória egípcia, a forma piramidal teria sido escolhida para coestender-se com a duração do mundo, resistindo aos elementos e até mesmo a desastres naturais (114-115); ou seja, são aquilo que o ser humano não é:

---

<sup>103</sup> Many have no happier moments than those that they pass in solitude, abandoned to their own imagination, which sometimes puts sceptres in their hands or mitres on their heads, shifts the scene of pleasure with endless variety, bids all the forms of beauty sparkle before them, and gluts them with every change of visionary luxury.

It is easy in these semi-slumbers to collect all the possibilities of happiness, to alter the course of the sun, to bring back the past, and anticipate the future, to unite all the beauties of all seasons, and all the blessings of all climates, to receive and bestow felicity, and forget that misery is the lot of man.

<sup>104</sup> “To know any thing,” returned the poet, “we must know its effects; to see men we must see their works, that we may learn what reason has dictated, or passion has incited, and find what are the most powerful motives of action” (112)

invulneráveis, milenares. Ao mesmo tempo, conforme Imlac, são vaidade de vaidades, a epítome, o símbolo máximo do estado humano; pois, clarifica, se para a Muralha da China há a explicação dos assaltos dos povos bárbaros,

“Quanto às pirâmides, jamais se deu uma razão adequada para o preço e para o trabalho envolvidos na obra. A exiguidade das câmaras prova que não serviria como abrigo contra inimigos, e os tesouros poderiam ter sido guardados com igual segurança a um custo muito menor. *Parece que foi erigida apenas em conformidade com aquela fome da imaginação que incessantemente devora a vida e precisa sempre ser aplacada por alguma ocupação.* Quem já tem tudo o que pode usufruir precisa ampliar seus desejos. Quem já construiu o que tem utilidade, a ponto de provê-la inteiramente, sente necessidade de construir por vaidade e de estender seu projeto à extrema capacidade de realização humana, para não ser logo levado a inventar novo desejo.

Considero esta enorme estrutura um monumento à insuficiência dos prazeres humanos. *Um monarca cujo poder é ilimitado e cujos tesouros ultrapassam todas as necessidades reais e imaginárias é compelido a aliviar a saciedade de domínio e a sensaboria dos divertimentos com a construção de uma pirâmide, assim como a distrair o tédio da vida em declínio com a contemplação de milhares de pessoas trabalhando infundavelmente e de pedra sendo posta sobre pedra, sem nenhum propósito.* Se fores alguém que, insatisfeito com uma situação mediana, imaginas que haja felicidade no esplendor da realeza e sonhas que poder ou riquezas podem alimentar o apetite de novidade com satisfações perpétuas, fita as pirâmides e confessa tua insensatez!” (112-113)<sup>105</sup>

---

<sup>105</sup> “...for the pyramids no reason has ever been given adequate to the cost and labour of the work. The narrowness of the chambers proves that it could afford no retreat from enemies, and treasures might have been repositied at far less expence with equal security. It seems to have been erected only in compliance with that hunger of imagination which preys incessantly upon life, and must be always appeased by some employment. Those who have already all that they can enjoy, must enlarge their desires. He that has built for use, till use is supplied, must begin to build for vanity, and extend his plan to the utmost power of human performance, that he may not be soon reduced to form another wish. I consider this mighty structure as a monument of the insufficiency of human enjoyments. A king, whose power is unlimited, and whose treasures surmount all real and imaginary wants, is compelled to solace, by the erection of a pyramid, the satiety of dominion and tastelessness of pleasures, and to amuse the tediousness of declining life, by seeing thousands labouring without end, and one stone, for no purpose, laid upon another. Whoever thou art, that, not content with a moderate condition, imaginest happiness in royal magnificence, and drestest that command or riches can feed the appetite of novelty with perpetual gratifications, survey the pyramids, and confess thy folly!” (118-119).

Na *História Natural* (36.16), de Plínio, O Velho, podemos ler um veredito semelhante ao de Imlac sobre as Pirâmides. Este livro pode ser encontrado em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>. Acesso em: 27 de Ago. 2022

Em *Rasselas* e em alguns documentos que o cercam, um curioso vínculo pode ser estabelecido entre paixões (*lato sensu*), sobretudo o tédio, e construções (cf. cap. XX). O *Qohelet*, de onde essa ideia parece ter vindo, diz: “Fiz obras magníficas para mim: construí casas e plantei vinhas. Cultivei jardins e pomares, e plantei neles árvores frutíferas de todas as espécies. Fiz reservatórios de água para irrigar os bosques verdejantes..., mas, quando pensei em tudo que as minhas mãos haviam feito e em todo o esforço que empenhei no que realizei, percebi que tudo era ilusão; tudo foi como perseguir o vento. Não há nenhum proveito em tudo que se faz debaixo do sol” (Ec. 2.4-6; 11). Mas é possível também relacioná-la à torre de Babel, no *Gênesis*, e o desenvolvimento disto por Agostinho em *De Civitate Dei*.

Mas, depois dessa jornada de descobertas soturnas, há algo que a realeza aprende à altura da conclusão em que nada é concluído? Já vimos que, diferente do homem coroado pela felicidade, quando os personagens retornam para a Abissínia, não levam consigo nenhum antídoto. Seria a resposta de *Rasselas* diante do que é torto a mesma de Possidipo na conclusão de seu epigrama (*The Greek Anthology*, IX, 359): “Assim, parece existir uma escolha entre duas coisas, ou não nascer ou morrer logo após ter nascido”? Ou, num sabor mais moderno, a do Sísifo de Camus, que carrega sua pedra montanha acima, decidido a suportar o absurdo e finalmente dissolver-se junto de todo o resto no nada?

No Eclesiastes, as expressões “debaixo do céu” ou, em maior número, “debaixo do sol”, parecem sugerir o melhor caminho para interpretação. Apesar das constatações dolorosas, Deus está sempre presente no universo do filho de Davi; por exemplo, é ele quem atribui a dura tarefa da existência aos homens (2.13), quem concede a alegria das boas coisas que convivem com o que torto no curto tempo da vida humana (2.26; 3.13; 5.18), quem humilha o orgulho (3.14). Na verdade, o que perturba o *Qohelet*, dito por outra perspectiva, é que ele não consegue entender o que Deus está fazendo por meio de tanta coisa torta (8.16 - 9.3). Assim, depois de exortar os jovens que se lembrem do Criador no dia da mocidade, pois um dia ficarão velhos (12.1-8), conclui o livro da seguinte forma: “Agora que já se disse tudo, aqui está a conclusão: teme a Deus e obedece aos seus mandamentos; porque este é o propósito do homem” (12.13).

Igualmente, Deus, e a vida eterna que ele implica, semelhante ao Nilo, é um personagem coadjuvante que vai aproximando-se cada vez mais do centro do palco conforme, capítulo a capítulo, as esperanças de felicidade terrena são frustradas na história do quarto filho do Imperador da Abissínia. Conspicuamente, o príncipe diz no capítulo II que o homem deve ter algum sentido latente ou algum desejo peculiar distinto dos animais que nem mesmo a plenitude do Vale Feliz pode aplacar, e que precisa ser

---

Boswell registra uma conversa que teve com Jonhson: “Yet I observed that things were done upon the supposition of happiness; grand houses were built, fine gardens were made, splendid places of publick amusement were contrived, and crowded with company. JOHNSON. 'Alas, Sir, these are all only struggles for happiness” (*Life*, 3. 198-99). No *Cândido*, de Voltaire, há um capítulo que trata de um senador entediado com tudo que possui - mulheres, música, obras de arte, livros etc. Ao chegar na casa deste homem, o protagonista nota que “Os jardins eram bem tratados e adornados com belas estátuas de mármore; o palácio, de uma linda arquitetura” (VOLTAIRE. *Cândido, ou o otimismo*. trad. Mário Laranjeira. 1ª edição. São Paulo: Penguin-Companhia, 2012. p.107).



satisfeito antes que se possa ser feliz (13); no capítulo XI, Imlac discute a peregrinação para locais santos (Palestina!), e que apenas a vontade do Ser Supremo explica porque os europeus, cujas conquistas se espalham pelo mundo, têm mais conhecimento que os outros povos; ao avaliar o ciclo do tédio do eremita no capítulo XXII, o erudito diz: “Porém, certamente há de chegar um tempo em que não seremos mais atormentados pelo desejo e ninguém será desgraçado a não ser por sua própria culpa” (81)<sup>106</sup>; antes de entrarem nas pirâmides, os personagens discutem a existência de fantasmas (XXXI); no capítulo seguinte, quando Pekuah é sequestrada depois de ter recebido autorização da princesa de não entrar na Pirâmide por medo, o poeta consola Nekayah:

não vos censureis por vossa virtude... Quando agimos de acordo com nosso dever, entregamos os acontecimentos àquele cujas leis regem nossas ações e que não admitirá que ninguém seja, no final, punido por ter sido obediente.... Quando perseguimos nossos objetivos por meios legítimos, é sempre possível consolar-nos do malogro com a esperança de uma recompensa futura (117-118)<sup>107</sup>

Enlutada, a princesa intempestivamente decide passar a vida em isolamento, “até que, com a mente purificada de todos os desejos mundanos, entre naquele estado em direção ao qual todos avançam e no qual espero ter de novo a amizade de Pekuah” (122)<sup>108</sup>; o ancião aguarda a hora da morte e espera “conseguir, num estado melhor, a felicidade que neste não pude encontrar e a virtude que não pude alcançar” (154)<sup>109</sup>; finalmente, nos últimos dois capítulos antes da conclusão, o tema já não pode mais ser resistido, e torna-se ainda mais explícito.

No XLVII, o príncipe diz que seu claustro de prazeres repetitivos não conseguia suprir a ânsia por novidade, e o compara, envergonhado, ao claustro dos monges no Mosteiro de Santo Antônio, local do resgate de Pekuah: “E não pude deixar de censurar-me severamente ao ver os monges de Santo Antônio suportarem, sem queixas, uma vida não de prazeres uniformes, mas de uniforme dificuldade” (161)<sup>110</sup>. Afinal de contas,

---

<sup>106</sup> “...the time will surely come, when desire will be no longer our torment, and no man shall be wretched but by his own fault” (85)

<sup>107</sup> “Do not reproach yourself for your virtue... When we act according to our duty, we commit the event to him by whose laws our actions are governed, and who will suffer none to be finally punished for obedience... When we pursue our end by lawful means, we may always console our miscarriage by the hope of future recompense” (122)

<sup>108</sup> “...till, with a mind purified from all earthly desires, I shall enter into that state, to which all are hastening, and in which I hope again to enjoy the friendship of Pekuah” (125)

<sup>109</sup> “...in a better state than happiness which here I could not find, and that virtue which here I have not attained” (156)

<sup>110</sup> “...I could not forbear to reproach myself with impatience, when I saw the monks of St. Anthony support without complaint, a life, not of uniform delight, but uniform hardship” (164)

o mais importante não são nem os prazeres, nem a liberdade; se o tédio acompanha a abundância de gratificações, e uma angústia peculiar a escolha de vida correta, existe certo conforto nas regras, e alegria na não escolha:

Aqueles homens, respondeu Imlac, são menos desgraçados em seu *convento silencioso* do que os príncipes abissínios em sua prisão de prazeres. Qualquer coisa que os monges façam resulta de um motivo adequado e razoável. Seu trabalho lhes fornece o que lhes é necessário, por isso não pode ser dispensado e certamente é premiado. *Sua devoção os prepara para um outro estado e os faz lembrar-se de sua aproximação, ao mesmo tempo que os torna aptos para ele.* Seu tempo é ordenadamente distribuído: uma tarefa sucede a outra, *de tal modo que não ficam vulneráveis à distração de uma escolha livre, nem se perdem nas sombras da inatividade apática.* Há um trabalho determinado a ser realizado numa hora estabelecida, *e sua lida é alegre porque a consideram um ato de devoção, através do qual estão sempre avançando na direção da felicidade eterna*” (161-162, grifo meu)<sup>111</sup>.

A princesa questiona então se alguém que vive no mundo em caridade, permitindo-se prazeres inocentes, não pode igualmente esperar esta felicidade futura. Responde o poeta: “Quem vive bem no mundo é melhor do que quem vive bem num mosteiro” (162)<sup>112</sup>, mas aspectos como fraquezas naturais e históricos atribulados podem conduzir um homem justamente ao convento. Mais:

O mal de qualquer prazer que Nekayah possa imaginar não está no ato em si, mas em suas consequências. O prazer, em si mesmo inofensivo, pode se tornar danoso, *se nos leva a ficar enamorados de um estado que sabemos ser passageiro e probatório, e se nos afasta os pensamentos daquilo de cujo começo cada hora nos faz aproximar-nos e a cujo fim nenhuma extensão de tempo nos pode conduzir.* A mortificação em si mesma não é virtuosa, nem tem outra utilidade senão a de nos libertar das atrações dos sentidos. *No estado de*

---

<sup>111</sup>“Those men,” answered Imlac, “are less wretched in their silent convent than the Abissinian princes in their prison of pleasure. Whatever is done by the monks is incited by an adequate and reasonable motive. Their labour supplies them with necessaries; it therefore cannot be omitted, and is certainly rewarded. Their devotion prepares them for another state, and reminds them of its approach, while it fits them for it. Their time is regularly distributed; one duty succeeds another, so that they are not left open to the distraction of unguided choice, nor lost in the shades of listless inactivity. There is a certain task to be performed at an appropriated hour; and their toils are cheerful, because they consider them as acts of piety, by which they are always advancing towards endless felicity” (164-165).

Em *Cândido*, um teatino expressa uma opinião bem diferente da de Imlac sobre a vida no claustro: “Por minha fé, meu senhor, eu queria que todos os teatinos estivessem no fundo do mar. Tenho sido tentado cem vezes a atear fogo ao convento e ir fazer-me turco. Meus pais me forçaram, na idade de quinze anos, a vestir esta detestável saia, para deixar mais fortuna para um maldito irmão mais velho, que Deus confunda! O ciúme, a discórdia, a raiva, habitam o convento. É verdade que preguei alguns maus sermões que me renderam algum dinheiro, de que o prior me rouba a metade; o resto me serve para manter mulheres; mas, quando volto à noite para o mosteiro, estou prestes a arrebentar a cabeça nas paredes do dormitório; e todos os meus confrades estão no mesmo” (p.106).

<sup>112</sup> “He that lives well in the world is better than he that lives well in a monastery” (165)

*perfeição futura, ao qual todos aspiramos, haverá prazer sem perigo e segurança sem encarceramento.* (164, grifo meu)<sup>113</sup>

Finalmente, o capítulo XLVIII, *Imlac discorre sobre a natureza da alma*, ocorre, como já foi dito, em meio às fileiras de corpos. Aqui são debatidas uma variedade de opiniões sobre a alma comuns na Europa nos séculos XVII e XVIII, como materialidade e imaterialidade, eternidade, entre outros, baseando-se em escritos que se estendem pelo menos até o *De Anima*, de Aristóteles.<sup>114</sup> Para o propósito deste trabalho, as principais conclusões dos personagens são: se a alma é imperecível, há um ser (Nekayah teme nomeá-lo) que pode destruí-la, caso queira<sup>115</sup>; a vida termina, mas depois dela há a eternidade, assim, em vez de ser ceifado enquanto se faz uma *Choice of Life*, melhor é preocupar-se com a *Choice of Eternity* (169)<sup>116</sup>.

Assim, revela-se a verdadeira bifurcação para Johnson, a mesma que Lactâncio no seu *Divinarum Institutionum* (VI. iii)<sup>117</sup> (referindo-se à fábula de Pródico e ao ípsilon pitagórico) já havia definido, em aperfeiçoamento aos pagãos – “que eram ignorantes ou tinham dúvidas acerca da imortalidade da alma”! – como caminhos para céu ou inferno. A escolha entre, por um lado, a alienação de si mesmo e da vaidade do mundo (cf. Pascal, P. 36), que leva à luta contra a natureza, à busca incessante pelo vento, à tentativa de união de contradições e inconsistências, cujo fim é a morte e o encontro final com o trono de Deus; por outro lado, o autoconhecimento (Γνωθι σεαυτὸν), que conduz à revelação do plano original daquele que nos criou, do nosso fim, dos deveres relativos aos outros (*The Rambler* 24, *Yale* 3), a uma prática incansável da caridade, conforme ensina a

<sup>113</sup> “The evil of any pleasure that Nekayah can image is not in the act itself, but in its consequences. Pleasure, in itself harmless, may become mischievous, by endearing to us a state which we know to be transient and probatory, and withdrawing our thoughts from that, of which every hour brings us nearer to the beginning, and of which no length of time will bring us to the end. Mortification is not virtuous in itself, nor has any other use, but that it disengages us from the allurements of sense. In the state of future perfection, to which we all aspire, there will be pleasure without danger, and security without restraint” (166-167).

<sup>114</sup> Ver as uteis notas de Kolb ao capítulo XLVIII, lidando com as múltiplas referências contidas nele às discussões sobre o tema durante o século.

<sup>115</sup> “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; pelo contrário, temei aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt. 10.28)

<sup>116</sup> “To me,” said the princess, “the choice of life is become less important; I hope hereafter to think only on the choice of eternity” (175)

<sup>117</sup> Johnson alude a esta obra de Lactâncio no *The Rambler* 115 (*Yale* 4, p.249). Uma tradução do *Divinarum* em inglês é: ROBERTS. A; DONALDSON. J (Ed). *Ante-Nicene Fathers*. Vol. 7. Revised and Chronologically arranged with brief prefaces and occasional notes by A. Cleveland Coxe. New York: Christian Literature Publishing Co., 1885. Disponível em: <https://ccel.org/ccel/lactantius/institutes/anf07> . Acesso em: 20 de Ago. 2022.

religião de Jesus, cuja esperança é não só o livramento do medo da punição eterna, como a alegre esperança de uma felicidade suprema e interminável (*Sermon 4, Yale 14*).

A existência de Deus e de uma vida eterna<sup>118</sup>, ou seja, aquilo que está acima do sol, alivia a ansiedade na era presente, e para a futura, promete conserto para os caminhos tortos: uma natureza humana renovada que tornará consistentes prazer e virtude (*Life, 3.292*); esforço recompensado sem distorções; corpos que não mais invejarão a longevidade das pirâmides; o vício, extirpado e punido; viagens longas que não mais terminarão com a volta para parentes mortos, nem excursões alegres perturbadas por catástrofes repentinas; um Ser que será eterna novidade, fim do tédio e quietude para o peito (cf. *Spectator 626*), objeto daquele desejo latente do qual fala Rasselas; um lugar em que, diferente do Vale Feliz, haverá deleite sem perigo, e segurança sem encarceramento; onde fica a fortaleza da felicidade.<sup>119</sup> Conforme Samuel Johnson conclui seu poema:

Where then shall Hope and Fear their objects find?  
Must dull Suspence corrupt the stagnant mind?  
Must helpless man, in ignorance sedate,  
Roll darkling down the torrent of his fate?  
Must no dislike alarm, no wishes rise,  
No cries attempt the mercies of the skies?  
Enquirer, cease, petitions yet remain,  
Which heav'n may hear, nor deem religion vain.  
Still raise for good the supplicating voice,  
But leave to heav'n the measure and the choice.  
Safe in his pow'r, whose eyes discern afar  
The secret ambush of a specious pray'r.  
Implore his aid, in his decisions rest,  
Secure whate'er he gives, he gives the best [...]  
With these celestial Wisdom calms the mind,  
And makes the happiness she does not find.

(*Vanity 341-354; 365-366*)

---

<sup>118</sup> A mera imortalidade não parece ser uma opção; Swift já havia explorado essa possibilidade com os Struldbruggs, cujos vícios e as dores da velhice não paravam de se intensificar (SWIFT, J. *Viagens de Gulliver*. trad. Paulo Henriques Britto. 1ª edição. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010. p. 310-313). A vida eterna pressuposta por Johnson ocorre em termos de seu Cristianismo, com uma renovação da própria natureza, *lato sensu*.

<sup>119</sup> Cf. O final de *Cândido*: Nos diálogos derradeiros do livro, diz um velhinho muçulmano: “Tenho apenas vinte alqueires; eu os cultivo com meus filhos; o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade” ; Concluem Cândido, Martinho [O Maniqueu] e até mesmo Pangloss [O otimista Leibniziano]: “É preciso cultivar o nosso jardim”; “Tendes razão, pois quando o homem foi posto no Jardim do Éden, foi ali colocado para que nele trabalhasse, o que prova que o homem não nasceu para o repouso.”; “Trabalhemos sem arrazoar, é o único jeito de tornar a vida suportável” p. 127 -128. Voltaire aconselha olhar para baixo, Johnson, para cima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferente de *Rasselas*, cuja jornada investigativa acerca de um tema profundamente complexo termina sem conclusão, para o propósito bem mais humilde deste trabalho, resigno-me a oferecer alguma. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que a composição da história do Príncipe da Abissínia se deu num contexto europeu de profundo entusiasmo com os ventos da mudança. É claro que os muitos problemas humanos, desde coisas simples como dores de dente que minavam um dia alegre, até a abominável visão de escravizados, pessoas quebradas na roda, mutiladas em guerras ou ainda esmagadas sob destroços fumegantes advindos de um terremoto, conforme Voltaire os representa no *Candide*, não passavam despercebidos pelos homens e mulheres do Setecentos. Convivendo com este cenário, não obstante, florescia uma época de inéditas possibilidades materiais, resultando num aumento da expectativa de vida, difusão do conhecimento, e do desejo por liberdade e autonomia (HUNT, 2009; MCMAHON, 2007).

Neste sentido, houve uma renovação do interesse na experiência e no conceito da Felicidade, conforme atesta a abundância de tratados<sup>120</sup> e narrativas ficcionais sobre, ou que tangenciavam, o tema. O mais importante é que essa “era terrena” deixara de se associar necessariamente ao sofrimento, a um vale de lágrimas (MCMAHON, 2004; NORTON, 2012), e a vida feliz<sup>121</sup> não precisava mais esperar o pós-morte, como em tempos anteriores; podia ser desfrutada aqui e agora. Em breve, o assunto deixaria de ser apenas uma obsessão, passando a integrar, antes que o século terminasse, declarações de direitos humanos universais.

---

<sup>120</sup> Por exemplo, em *Fiction and the philosophy of Happiness*, Norton informa que só na França conta-se pelo menos cinquenta tratados sobre Felicidade durante o século XVIII. (p.9-10)

<sup>121</sup> Não havia uma única concepção de Felicidade, pelo contrário, múltiplas e contraditórias, como os proponentes de um novo epicurismo ou estoicismo (ver Happiness, esp. Cap. IV; cf. WHITE, N. P. *A brief history of happiness*. Malden, MA ; Oxford: Blackwell Pub, 2006). Isso talvez ajude a explicar os diversos modos de vida investigados por *Rasselas*. Porém, uma semelhança importante entre as várias propostas era que passavam a se associar menos à vida vindoura e mais à presente, mesmo no caso daquelas que ainda consideravam a eternidade. É claro que também existia um forte vínculo entre as diferentes concepções de Felicidade e as de Natureza Humana, outro conceito chave no século XVIII. (Ver GARRET, A. Human Nature. In: HAAKONSSSEN, K. (Org.). *The Cambridge history of eighteenth-century philosophy*. Vol. 1. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2006; DASTON, L. *Against Nature: 17*. Illustrated ed. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2019; THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. trad. João Alberto Martins Filho. Edição de bolso. São Paulo (SP): Companhia de Bolso. 2010.)

Sugeri, baseado em Wasserman (1975) e Norton (2012), que a ideia de uma *Choice of Life*, a qual Johnson invoca constantemente no seu texto, preenchida por alegorias como a *Choice of Hercules* e a *Picture of Human Life*, justapostas às interpretações e recriações metafóricas dos épicos antigos, e ao conceito teológico cristão da *Fortunate Fall*, misturaram-se no aparecimento de uma arquitetura de ficção que consistia numa jornada espiral e fechada de sucesso. Um personagem sai de seu lugar de origem e peregrina em terras de desolação, realizando durante a jornada sucessivas escolhas morais que o tornam mais sábio e capacitado a viver feliz quando da volta para casa. É uma narrativa de prospectos seculares, que amadurecerá no desenvolvimento do gênero do romance (*novel*).

Este é um elemento do contexto cultural nos quais vários leitores leriam o livro de Johnson, o que ajuda a explicar, em parte, as críticas acerca da visão excessivamente cinzenta e lúgubre da existência que o autor teria pintado na sua história. Com efeito, como argumentei, abstraindo a melancolia na escrita, o mundo do príncipe entediado da Abissínia é duro e mormacento porque composto com materiais de outra figura cansada da realeza, o sisudo e bíblico *Qohelet*.

Assim, o autor satiriza e refuta, a cada capítulo de *Rasselas*, a visão de mundo do príncipe, que representa os leitores, algo que não seria tão surpreendente para aqueles já familiarizados com *The Vanity of Human Wishes*, ou com as redações do *The Rambler*, por exemplo. Rasselas, educado com base em máximas e preceitos de sabedoria infalíveis, porque não postos à prova durante boa parte da vida dele dentro do Vale, é confrontado em sua jornada em busca da felicidade com o tédio, a inquietude das paixões, a depravação da natureza humana por conta da Queda, as limitações da razão, o desapontamento final de todos os desejos, as falhas nas promessas da virtude, e a morte. Sem saber ainda como viver feliz o príncipe volta para a Abissínia, reconhecendo, no entanto, uma coisa: no estado atual do mundo, melhor é preocupar-se com a eternidade, pois lá Deus endireitará aquilo que está torto.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Primárias

- AITKEN. G. A (Ed). *The Tatler*. 3vol. New York: Hadley & Mathews. 1899
- CHASE, R. H. (Ed.). *The Works of Horace*. [S. l.]: Harper & Brothers. 1863(Harper's new classical library).
- DODSLEY. J. *The Preceptor*. 2vol. London: Printed for J.Dodsley. 1769.
- FORDYCE. D. *Dialogues Concerning Education*. London: s.n. 1768.
- HILL, G. B. (Ed.). *Letters of Samuel Johnson, LL.D*. 2vol. New York: Harper & Bros., 1892.
- HILL. G.B (Ed.). *Life of Johnson*, revised and enlarged by L. F. Powell, 6 vols.1934-64
- JOHNSON, S. *A História de Rasselas, Príncipe da Abissínia*. trad. Marcelo Consentino. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, 2019(Ficções Filosóficas).
- JOHNSON, S. *RASSELAS Príncipe da abissínia*. LEBOOKS EDITORA, 2020
- MARCHANT.E.C (Ed). *Xenophon in Seven Volumes*, vol. 4. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., London. 1923.
- MILLER. W (Ed). *M. Tullius Cicero. De Officiis*. With An English Translation. Cambridge. Harvard University Press; Cambridge, Mass., London, England. 1913.
- MILTON, J. *Paraíso perdido*. trad. Daniel Jonas. 2ªedição (Bilíngue). [S. l.]: Editora 34, 2016.
- MORLEY. H (Ed). *The Spectator*. 3vol. London: George Routledge & Sons. 1891
- PASCAL, B. *Pensees*. trad. Alban J. Krailsheimer. Revised ed. London : New York: Penguin Books, 1995.
- PATON. W.R (Ed). *The Greek Anthology*. With an English Translation. 5vol. London: William Heinemann Ltd. 1915.
- PATRICK. S. *A paraphrase upon the books of Ecclesiastes and Song of Solomon*. London: Printed for Rich. Royston. 1685
- RAMSAY. G.G. (Ed). *Juvenal and Persius*. With an English translation. London. William Heinemann. 1920
- ROBERTS. A; DONALDSON. J (Ed). *Ante-Nicene Fathers*. Vol. 7. Revised and Chronologically arranged with brief prefaces and occasional notes by A. Cleveland Coxe. New York: Christian Literature Publishing Co., 1885.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. trad. Lorenzo Mammì. 1ª edição. [S. l.]: Penguin-Companhia, 2017.

SAYÃO, L. (Org.). *Bíblia Almeida Século 21*. 3ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2013

SHAFTESBURY. A. *Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times*. vol. 2. Liberty Fund. 1737

SPENCE. J. *Polymetis*. London: Printed for R. and J. Dodsley. 1755

SWIFT, J. *Viagens de Gulliver*. trad. Paulo Henriques Britto. 1ª edição. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010.

*The Monthly review*. vol .20. London: Printed for R. Griffiths. 1759

*The Annual Register*. London: Printed for R. and J. Dodsley. 1760

VOLTAIRE. *Cândido, ou o otimismo*. trad. Mário Laranjeira. 1ª edição. São Paulo: Penguin-Companhia, 2012.

WHITE. H. G. E (Ed). *Ausonius*. With An English Translation. vol.1 London: William Heinemann. 1919

#### Fontes Secundárias

DARNTON, R. *George Washington's False Teeth: An Unconventional Guide to the Eighteenth Century*. Illustrated edition. New York, NY: W. W. Norton & Company. 2003

DASTON, L. *Against Nature: 17*. Illustrated ed. Cambridge, Massachusetts: MIT Press. 2019.

HAAKONSSSEN, K. (Org.). *The Cambridge history of eighteenth-century philosophy*. 2vol. Cambridge; New York: Cambridge University Press. 2006.

HANSEN. J.A. Instituição Retórica, Técnica Retórica, Discurso. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S. l.], v. 20, n. 33, p. 11-46, 19 dez. 2013

HUNT, L. *A invenção dos direitos humanos*. trad. Rosaura Eichenberg. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2009

KOLB, G. J. The Structure of *Rasselas*. *PMLA*, [S. l.], v. 66, n. 5, p. 698–717, set. 1951

LOCKHART, D. M. “The Fourth Son of the Mighty Emperor”: The Ethiopian Background of Johnson’s *Rasselas*. *PMLA*, [S. l.], v. 78, n. 5, p. 516–528. 1963.

MCCMAHON. D. M. From the happiness of virtue to the virtue of happiness: 400 B.C. – A.D. 1780. *Daedalus*, [S. l.], v. 133, n. 2, p. 5–17, abr. 2004.



MCMAHON, D.M. *Happiness: a history*. repr. 2007. New York: Atlantic Monthly Press. 2007.

NORTON, B. M. *Fiction and the philosophy of happiness: ethical inquiries in the Age of Enlightenment*. Lewisburg : Lanham, Md: Bucknell University Press ; Rowman & Littlefield Pub. Group. 2012.

PRESTON, T. R. The Biblical Context of Johnson's "Rasselas". *PMLA*, [S. l.], v. 84, n. 2, p. 274–281. 1969.

TAYLOR, C. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. trad. João Alberto Martins Filho. Edição de bolso. São Paulo (SP): Companhia de Bolso. 2010.

WASSERMAN, E. R. Johnson's "Rasselas": Implicit Contexts. *The Journal of English and Germanic Philology*, [S. l.], v. 74, n. 1, p. 1–25, 1975

WEITZMAN, A.J. "More Light on Rasselas: The Background of the Egyptian Episodes", *Philological Quarterly* , 48 : p. 44-58, 1969.

WHITE, N. P. *A brief history of happiness*. Malden, MA ; Oxford: Blackwell Pub. 2006.

Sites

<https://archive.org/>

<https://www.bartleby.com/>

<https://ccel.org/>

<https://www.eighteenthcenturypoetry.org/>

<https://www.gutenberg.org/>

<https://www.hathitrust.org/>

<https://oll.libertyfund.org/>

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

<https://pt.scribd.com/>

<http://www.yalejohnson.com/frontend/node/1> (The Yale Digital Edition Of The Works of Samuel Johnson)

“Eu, Vitor Augusto Dias Ericeira, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado, *Principes Entediados, Escolhas de Vida e Pirâmides: uma abordagem “Johnsoniana” à Felicidade na era de Jefferson*, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Vitor E

---

31/08/2022